



COMISSÃO PONTIFÍCIA
PARA OS CONGRESSOS EUCARÍSTICOS INTERNACIONAIS

“CRISTO ENTRE VÓS, A ESPERANÇA DA GLÓRIA”

A Eucaristia: fonte e cume da missão da Igreja

Reflexões teológicas e pastorais
em preparação do 51.º Congresso Eucarístico Internacional
de Cebu, Filipinas, 24-31 de janeiro de 2016

(tradução: Manuel J. Gomez Barbosa, S.I.)

I INTRODUÇÃO

A. O congresso Eucarístico Internacional

O Congresso Eucarístico Internacional é uma *statio* – uma espécie de “paragem” na viagem – onde a Igreja particular se recolhe para celebrar a Eucaristia, prestar-lhe homenagem e rezar na presença do Senhor no sacramento do seu amor. Para este evento sagrado, a comunidade cristã escolhida convida as comunidades cristãs da região com as Igrejas particulares de todo o mundo porque o Congresso Eucarístico Internacional é um evento que diz respeito à Igreja universal. Para a celebração do Congresso, o *Rituale*¹ exige que a celebração da Eucaristia seja verdadeiramente o centro de toda a atividade que aí se realiza para que tudo se refira a ela.

Uma mais profunda compreensão do mistério eucarístico é favorecida com momentos de catequese, celebrações da Palavra, encontros de oração e assembleias plenárias. Para estas e para as outras atividades ligadas à realização do Congresso, é preparado um programa preciso a fim de articular claramente os temas das celebrações, os encontros, a procissão, a oração diante do Santíssimo Sacramento exposto em igrejas ou capelas pré-designadas.

1 *De Sacra Communionem et de Cultu Mysterii Eucharistici extra Missam* (1973), n. 112.

Todo o Congresso, na sua realização, deve manifestar uma eclesiologia eucarística orientada para a comunhão, empenhando-se em chegar a todos, particularmente a quantos se encontram à margem da sociedade, para que haja um só rebanho e um só pastor, Jesus Cristo (cf. Jo 10, 16)².

B. O significado do 51.º Congresso Eucarístico Internacional

No Congresso Eucarístico Internacional que se realizará em Cebu City em 2016, os peregrinos provenientes de todas as partes do mundo vão reunir-se com os fiéis das Filipinas e em particular com os de Cebu, oferecendo a toda a humanidade um *sinal autêntico de fé e de caridade na comunhão*.

O Congresso é um serviço de todo o povo de Deus na sua peregrinação na história. É uma extraordinária celebração em que a Igreja universal tomará consciência de que a Eucaristia é “fonte e cume”³ da sua vida e da sua ação. A Eucaristia aparecerá claramente como a presença real e permanentemente renovada do Mistério pascal, “evento escatológico” por excelência da vida e do culto dos cristãos.

O tema do 51.º Congresso Eucarístico de Cebu é: “*Cristo entre vós, a esperança da glória*”. Tirado da Carta de São Paulo aos Colossenses (1, 24-29), o tema destina-se a iluminar plenamente o vínculo entre a Eucaristia, a missão e a esperança cristã, tanto no tempo como na eternidade. Hoje, há uma carência de esperança no mundo, como talvez nunca tenha havido na história. Por isso, a humanidade precisa de escutar a mensagem da esperança em Jesus Cristo. A Igreja proclama hoje esta mensagem com ardor renovado, utilizando novos métodos e novas expressões⁴. Com o espírito da “nova evangelização” a Igreja leva esta mensagem de esperança a todos e, de modo especial, àqueles que “embora sendo batizados, se afastaram da Igreja, e vivem sem referência à praxis cristã”⁵.

O 51.º Congresso Eucarístico Internacional oferece aos participantes a oportunidade de experimentar e compreender a Eucaristia como um encontro transformante com o Senhor na sua Palavra e no seu sacrifício de amor, para que todos possam ter a vida e vida em abundância (cf. Jo 10, 10). Ele representa a ocasião para redescobrir a fé como “*como fonte de Graça que traz alegria e esperança à vida pessoal, familiar e social*”⁶. Este encontro internacional promete gerar um corajoso e decidido desenvolvimento da missão cristã no mundo e numa sociedade que estão a tornar-se cada vez mais indiferentes e hostis à fé e aos valores do Evangelho. O encontro com Cristo na Eucaristia tornar-se-á fonte de esperança para o mundo se, transformados pelo poder do Espírito Santo à imagem d'Aquele que encontramos, acolhermos a missão de transformar o mundo levando esperança, perdão, cura e amor a quantos deles precisam; em suma, a plenitude de vida que nós mesmos recebemos e experimentámos.

C. O Congresso de Cebu e o contexto asiático

O 51.º Congresso Eucarístico Internacional, de modo esplêndido e eficaz, deverá anunciar o mistério de Cristo considerando o lugar da fé e da Igreja na história das Filipinas. A Igreja nas

2 Cf. CONCÍLIO VATICANO II, Constituição sobre a Sagrada Liturgia *Sacrosanctum Concilium* (SC), 2.

3 SC 10. Cf. CONCÍLIO VATICANO II, Constituição sobre a Igreja *Lumen Gentium* (LG), 11.

44 JOÃO PAULO II, *In Portu Principis, ad episcopos Consilii episcopalis Latino-Americani sodales* (9 de março de 1983), n. 3, AAS 75, parágrafo 1, p. 778.

5 BENTO XVI, *Omelia alla celebrazione eucaristica per la solenne inaugurazione della XIII Assemblea Ordinaria del Sinodo dei vescovi* (7 de outubro de 2012).

6 *Ibidem*.

Filipinas tem uma vocação providencial para a missão cristã na Ásia, uma vocação constantemente acentuada pelos Romanos Pontífices⁷. A presença e a participação ativa do laicado católico em vários setores da sociedade, incluindo as realidades eclesiais e pastorais, oferecem um grande potencial capaz de influenciar o panorama sociopolítico e económico com o estilo evangélico do fermento na massa.

A pobreza e a falta de oportunidades de trabalho impelem muitos filipinos a emigrar para outros países, seja na Ásia como fora dela, mas quando tal acontece eles levam consigo a sua fé para partilhá-la com o seu exemplo e com os seus valores de vida. A Igreja filipina, realizando já as palavras do Apóstolo “*Cristo entre vós, a esperança da glória*”, é um lugar de esperança de modo especial para os povos da Ásia, como disse Paulo VI na sua visita de 1970 às Filipinas.

Em 1937, Manila acolheu o 33.º Congresso Eucarístico Internacional, o primeiro celebrado na Ásia. Aquele Congresso, com um sucesso comovente, foi seguramente o mais importante evento religioso internacional jamais organizado no país até àquela data. O 51.º Congresso, que se realizará em 2016, será igualmente importante. Ele faz parte da “novena de anos” que os cristãos das Filipinas estão a celebrar em preparação do 500.º aniversário da chegada da fé cristã ao País.

No ano de 1521, o rei e a rainha de Cebu foram batizados pelos missionários espanhóis⁸. Os nativos abraçaram a fé cristã com notável facilidade e entusiasmo graças à sua profunda religiosidade natural. Aquela fé inicial foi alimentada pelos sacramentos sobretudo pela Santa Missa, apesar de até ao século XX ser celebrada numa língua incompreensível para a maioria dos batizados.

A conversão ao cristianismo desta terra, realizada em brevíssimo tempo, transformou as Filipinas no maior país católico da Ásia, com uma percentagem de mais de 80% de batizados. Os católicos filipinos, ao longo dos séculos, desenvolveram uma grande consideração pela celebração eucarística⁹. A vida paroquial e as suas atividades, tanto de carácter espiritual como social, estão centradas na liturgia eucarística. As festas patronais de cidades e aldeias (*barangays*) são celebradas com grande número de Missas, com banquetes abertos a todos e grandes festas, casamentos e funerais, com os seus respetivos aniversários, são habitualmente celebrados com a Santa Missa. Os momentos importantes das famílias filipinas tal como os das diversas comunidades não estão completos se não forem assinalados pela celebração eucarística. Também os grupos católicos iniciam e concluem habitualmente os seus encontros, sejam eles de natureza social ou apostólica, com a Missa. A celebração eucarística tornou-se talvez a atividade religiosa mais comum na sociedade filipina¹⁰.

A reforma litúrgica do Vaticano II fez progredir o modo como os filipinos celebram a Eucaristia. Os textos da Missa foram traduzidos para quase todas as línguas locais do arquipélago. A participação dos fiéis leigos melhorou notavelmente, não só em termos de participação ativa, mas também por meio do assumir de vários ministérios litúrgicos¹¹.

Todavia, deve honestamente admitir-se que, para além dos raios de luz, permanecem também algumas sombras. Há ainda muito para fazer seja para uma correta compreensão da Eucaristia

7 Esta especial missão missionária das Filipinas na Ásia foi desenvolvida pelo Papa Paulo VI na sua visita pastoral às Filipinas em 1970 e por João Paulo II durante a Jornada mundial da juventude de 1995, realizada em Manila.

8 Segundo António Pigafetta, um nobre italiano que escreveu um diário de viagem nas caravelas espanholas sob o comando do português Fernando de Magalhães por conta do rei de Espanha Carlos V: *Relazione del primo viaggio al globo terraqueo*, Milão 1800 (ristanta anastática: Società Edizioni Artistiche, Vicenza 1990).

9 Cf. CBCP, Carta pastoral *Landas ng Pagpapakabanal* sobre a espiritualidade filipina(2000), n. 62. EPISCOPAL COMMISSION ON CATECHESIS ANDA CATHOLIC EDUCATION, *Catechism for Filipino Catholics* (1997), n. 1669.

10 Cf. *Landas ng Pagpapakabanal*, n. 62; *Catechism for Filipino Catholics* (1997), n. 1669.

11 *Catechism for Filipino Catholics* (1997), n. 1670.

pelos fiéis, seja para reencontrar o forte sentido comunitário de toda a celebração. Mas o mais urgente a remediar é, talvez, a dicotomia persistente entre o culto e a vida¹².

A preparação deste Congresso é acompanhada por uma nota de alegre gratidão ao Senhor, com uma expectativa entusiasta. Tudo isto contribuirá para dar um significado especial à celebração eucarística do povo filipino, à comunhão com o corpo e o sangue do Senhor para a vida do mundo e para a vida da nação. O Congresso será também ocasião privilegiada para levar os fiéis católicos a uma renovada compreensão e celebração da fé eucarística e da vida que dela brota.

Agora que a Ásia se está a tornar um novo centro da história do mundo contemporâneo, a realização do 51.º Congresso Eucarístico no seu coração geográfico é ocasião para manifestar de modo luminoso a vocação especial da Igreja local no continente como Igreja da caridade, da comunhão e da missão. Dado o contexto multidimensional em que a Igreja na Ásia cumpre a sua missão, o continente tornou-se um campo fértil onde o mistério da encarnação continua a ser realizado por meio de uma autêntica inculturação que leva a fé cristã a um verdadeiro diálogo com as diversas culturas, povos e religiões.

12 Cf. *Acts and Decrees of Second Plenary Council of the Philippines* (1990).

II. A EUCARISTIA REALIZA A OBRA REDENTORA DE CRISTO

A. “O mistério: Cristo entre vós, a esperança da glória” (Cl 1, 24-29)

Uma vez que os habitantes da cidade de Colossos estavam a “adaptar” o cristianismo à sua cultura e aos seus diferentes modos de acreditar, na carta enviada àquela comunidade Paulo teve de afirmar com firmeza que Cristo possui a plenitude do poder redentor (Cl 1, 19). Não só todas as coisas foram reconciliadas pelo sangue da sua cruz, mas todo o mundo foi feito por meio dele. Desde o primeiro capítulo da carta aos Colossenses, o Apóstolo aplica as palavras “tudo” e “todas as coisas” a Cristo mais e mais vezes¹³.

A este importante ensinamento paulino faz eco, sem ambiguidade, a Constituição do Concílio Vaticano II sobre a sagrada Liturgia onde se afirma que as gestas maravilhosas realizadas por Deus no povo do Antigo Testamento eram uma preparação para a obra da redenção humana e da perfeita glorificação de Deus realizadas por Cristo¹⁴. O mistério pascal da sua paixão, morte e ressurreição marcou o momento central da salvação. Ele, “*morrendo destruiu a morte e ressuscitando restaurou a vida*”¹⁵.

Pelo mistério da sua morte e da sua ressurreição, Cristo tornou-se verdadeiramente a nossa esperança da glória. Por meio do Espírito Santo que infundiu quando, na cruz, “*entregou o espírito*” (Jo 19, 30) do lado de Cristo jorrou “*o admirável sacramento de toda a Igreja*”¹⁶. Cristo, enviado pelo Pai, enviou a comunidade dos seus discípulos, a sua Igreja, para que continue a anunciar ao mundo a obra da redenção¹⁷.

B. O mistério proclamado: para que todos possam acolher a Cristo

Este mistério deve ser proclamado incessantemente para que todos possam acolher a Cristo e ser-lhe apresentados (cf. Cl 1, 28). Paulo considera-se a si mesmo ministro do Evangelho da esperança que deve ser pregado a todas as criaturas que estão sob o céu, a fim de realizar a Palavra de Deus, isto é, o mistério outrora escondido mas que agora foi manifestado¹⁸. Paulo tomou sobre si a missão que Cristo deu aos seus apóstolos, para que pregando o Evangelho a todos os homens seja anunciado que “*o Filho de Deus pela sua morte e ressurreição nos libertou do poder de Satanás e da morte e nos transferiu para o Reino do Pai*”¹⁹.

O Evangelho deve ser pregado, todavia, não só por palavras, mas também por meio da Eucaristia e dos sacramentos, à volta dos quais gravita toda a vida litúrgica e a própria vida da Igreja²⁰. Assim, pela força do Espírito Santo, os homens e as mulheres são imersos no mistério pascal de Cristo. Reunindo-se regularmente para escutar o ensino dos apóstolos e para comer a ceia do Senhor, proclamam a sua morte na esperança da sua vinda gloriosa. Lendo “*em todas as Escrituras, tudo o*

13 Sobretudo Cl 1, 15-20.

14 Cf. SC, 5.

15 Cf. *Prefácio pascal I*, in *Missale Romanum*, editio typica tertia (Città del Vaticano, 2002).

16 Oração depois da sétima leitura da Vigília pascal. Cf. SC, 5.

17 Cf. SC, 6.

18 Cf. Cl 1, 23.25-26.

19 SC, 6.

20 *Ibidem*.

que *Ihe dizia respeito*” (Lc 24, 27) e celebrando a Eucaristia, na qual “*se tornam presentes a vitória e o triunfo da sua morte*”²¹, a Igreja reunida para celebrar o mistério pascal edifica-se como sacramento de comunhão e de unidade.

C. A Eucaristia: Cristo presente no meio de nós

Para que a comunidade cristã possa realizar uma obra tão grande, “*Cristo está sempre presente na sua Igreja e de modo particular nas ações litúrgicas*”²². Na Eucaristia, está presente para conduzir permanentemente os crentes à comunhão consigo e com os outros. No ato de juntar-se, na pessoa do sacerdote, na proclamação da Palavra e nos sinais eucarísticos do pão e do vinho, Cristo continua a unir, a perdoar, a ensinar, a reconciliar, oferecendo-se para nossa redenção, e portanto para dar a vida.

Exatamente por causa disto Ele instituiu o sacrifício eucarístico do seu Corpo e do seu Sangue – para incarnar e realizar o projeto de salvação que culminou no sacrifício da Cruz; para que se perpetuasse a viva memória da sua morte salvífica e da sua ressurreição²³.

21 Cf. SC, 6 que cita o Concílio de Trento: *Sessio XIII, Decretum de SS. Eucharistia*, cap. 5 (Denziger 1644).

22 SC, 7.

23 *Ibidem*, 47.

III.

A EUCHARISTIA É FONTE E CUME DA MISSÃO DA IGREJA

A. A Eucaristia: sacramento de amor, sinal de unidade, vínculo de caridade²⁴

1. A presença de Cristo na Eucaristia

Aquilo que Cristo realizou na sua vida, na pregação e, de modo particular, no seu ministério pascal, continua a estar presente na Igreja, sobretudo nos seus sacramentos²⁵. Pela força do Espírito Santo, Cristo continua a enriquecer-nos com a sua vida e, unidos a Ele, podemos oferecer ao Pai o culto que Lhe é agradável por meio de sinais sensíveis.

A Eucaristia é portanto a encarnação perpétua daquilo que Cristo deu à sua Igreja por meio do dom total de Si mesmo²⁶. É o sacramento do seu amor pelo qual se entregou à morte e morte de cruz (Fil 2, 8). É sinal daquela unidade pela qual rezou em vésperas da sua morte: *“Que todos sejam um só, como Tu, Pai, estás em mim e Eu em ti!”* (Jo 17, 21). É o vínculo daquela caridade que deixou aos seus discípulos como o mandamento novo que deve ser cumprido (cf. Jo 13, 34).

Ele pede aos seus discípulos que façam tudo isto “em sua memória”. Sacramento de amor, sinal de unidade, vínculo de caridade: esta é a fisionomia que Cristo quis para a Eucaristia.

2. O poder transformante do Espírito

Para que a Eucaristia se torne sacramento do amor de Cristo, sinal eficaz de unidade e vínculo de caridade, o Espírito Santo é invocado sobre o pão e sobre o vinho para que se tornem Corpo e Sangue de Cristo (epiclese consecratória). Um pouco depois, no decurso da celebração, o mesmo Espírito Santo é invocado sobre a assembleia dos fiéis para que tornem em Cristo *“um só corpo e um só espírito”* (epiclese de comunhão).

É grande, na verdade, este mistério! Por obra do Espírito Santo, os frutos da terra e do trabalho do homem tornam-se pão de vida e bebida de salvação. Por meio do mesmo Espírito, quantos comem e bebem do Corpo e Sangue de Cristo são transformados no único corpo de Cristo. Depois, são enviados a transformar as suas famílias, os lugares de trabalho, a sociedade e o mundo.

A Eucaristia transforma a assembleia reunida em *“uma comunhão de vida, de caridade e de verdade”* para que se torne *“instrumento da redenção de todos e, luz do mundo e sal da terra, enviado a todo o mundo”*²⁷. Na Eucaristia, com efeito, *“aquele que o Pai enviou a realizar a sua vontade”* (cf. Jo 5, 36-38; 6, 38-40; 7, 16-18), *atrai-nos a Si e coenvolve-nos na sua vida e missão*²⁸.

24 *“O Sacramentum pietatis! O signum unitatis! O vinculum caritatis!”*: SANTO AGOSTINHO, *In Johannis evangelium tractatus*, 26, 13; in CCL 36, 266.

25 Cf. LEONE MAGNO, *Tractatus LXXIV.2*, CCL 138^a, p. 457: *“Quod itaque Redemptoris nostri conspicuum fuit in sacramenta transivit...”*.

26 Cf. SC, 47.

27 LG, 9.

28 BENTO XVI, *Verbum Domini* (VD), Exortação apostólica pós-sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja, n. 91.

3. *Transformados e enviados a transformar*

Quantos participaram na mesa do Senhor, são chamados a tornar-se aquilo que receberam: o Corpo de Cristo²⁹. A Eucaristia tem uma dimensão missionária intrínseca a partir da narração da instituição. Na última ceia, com efeito, Cristo não só partiu o pão e ofereceu o cálice do vinho para que se tornassem pão de vida e taça de salvação, mas naquela última noite Ele lavou também os pés aos seus discípulos e mandou-lhes fazer o mesmo (cf. Jo 13, 14). O gesto de serviço humilde e amoroso do lava-pés recíproco, tornar-se-á espelho da vida inteira de Cristo e da sua missão. Transformados pelo encontro com a Palavra e com o Corpo do Senhor em discípulos capazes de serviço e de caridade, os fiéis são enviados a transformar as suas fraternidades em comunidades de amor e de serviço.

B. A Eucaristia e a missão

Do mesmo modo, só depois de terem experimentado o coração a arder-lhes no peito por causa das palavras de Cristo ressuscitado e de O terem reconhecido “ao partir do pão”, os discípulos de Emaús (cf. Lc 24, 30-32) sentiram necessidade de irem depressa partilhar com todos os irmãos a alegria de O terem encontrado³⁰. Comungando o pão partido e partilhado na comunhão eucarística, as comunidades cristãs e os seus membros não podem permanecer indiferentes ao chamamento a partilhar e a dar a si mesmos como pão para a vida do mundo. Por este motivo “*a celebração do sacrifício eucarístico é o ato missionário mais eficaz que a Comunidade eclesial pode lançar na história do mundo*”³¹.

Cada parte da celebração eucarística revela uma ligação inseparável entre comunhão e missão através da qual a Igreja emerge como sinal e instrumento de unidade (cf. LG, 1). Por isso, é útil deter-nos sobre diversos momentos da celebração eucarística para descobrir como a missão nela está essencialmente contida.

1. Os ritos iniciais

“*Quando o povo está reunido...*”³². Vindos de diferentes lugares, circunstâncias e situações, somos constituídos, pelos ritos iniciais, em assembleia de culto³³. O nosso juntar-nos em resposta ao chamamento de Deus é já um primeiro movimento do poder criativo da Eucaristia pelo qual nos tornamos povo da nova aliança. A saudação do presidente “*O Senhor esteja convosco*” é, ao mesmo tempo, uma declaração de fé: Cristo, o Senhor ressuscitado, aquele que manda o Espírito Santo, está verdadeiramente presente na assembleia que celebra a Santa Missa! Com as mesmas palavras o arcanjo Gabriel saudou a Virgem Maria anunciando-lhe que fora escolhida para trazer no seu seio “*o Emanuel, o Deus conosco*” (cf. Lc 1, 28).

29 “*Se vós, pois, sois o corpo e os membros de Cristo, sobre a mesa esta exposto o vosso mistério: recebeis o vosso mistério. Àquilo que sois respondeis: Amen e respondendo subscrevei-lo*”, SANTO AGOSTINHO, *Sermo 272 in NBA*, XXXII, 1-2 (Roma 1985).

30 Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Dies Domini* (DD), 45.

31 JOÃO PAULO II, Audiência geral de 21 de junho de 2000.

32 “*Popolo congregato...*”: *Ordo Missae*, 1. In *Missale Romanum...*, cit.

33 Cf. R. CABIÉ, *The order of Mass of Paul VI*, in *The Church at Prayer, 2; The Eucharist*, Collegeville 1986, 193.

O Espírito Santo que Cristo, o Senhor ressuscitado, infunde na celebração da Missa é Aquele que nos permite recordar as grandes coisas que Deus fez por nós. Reforçados pelo mesmo Espírito, com o coração cheio de gratidão, erguemos os nossos corações e as nossas vozes na oração e no louvor. Como no dia do Pentecostes o Espírito Santo transformou o grupo dos discípulos em Igreja, também agora dá força à Palavra de Deus, consagra o pão e o vinho fazendo-os tornar-se o sacramento do corpo e do sangue do Senhor, enquanto também nos transforma em Cristo pela Santa Comunhão.

As palavras da saudação inicial são deveras consoladoras: garantem-nos que na nossa assembleia está presente Cristo Ressuscitado e o Espírito que Ele nos enviou. Nesta assembleia eucarística, Cristo vem ao nosso encontro na pessoa do sacerdote, e quer que nós o reconheçamos presente uns nos outros. É Ele quem nos fala quando se leem as Escrituras. É Ele quem se dá a nós nos sinais sagrados do pão e do vinho. Por meio de alguns ritos e orações, com um cântico comum, com gestos e movimentos partilhados, com pausas comuns de silêncio, transformamo-nos em assembleia celebrante que encontra o Senhor.

Vários elementos dos ritos iniciais criam unidade entre os que se reuniram e se dispõem a escutar a palavra de Deus e a celebrar dignamente a Eucaristia. Para que todos os que participam na celebração, voltem depois para o mundo como instrumentos de unidade, anunciadores da palavra, pão partido e partilhado para vida da humanidade. Os ritos iniciais constituem o começo daquele movimento pelo qual Deus nos escolheu, chamou, transformou em *ekklesia*, em povo sacerdotal enviado “*a fim de proclamar as maravilhas daquele que vos chamou das trevas para a sua luz admirável*” (1 Pe 2, 9).

2. A liturgia da Palavra

Depois de bem-dispostos pelos ritos iniciais, os fiéis escutam a proclamação da Palavra³⁴. Deus e o seu povo comprometem-se “*num diálogo em que são proclamadas as maravilhas da salvação e continuamente repropostas las exigências da Aliança*”³⁵. Deus fala e espera resposta.

O percurso dinâmico empreendido com a proclamação, a meditação, a explicação e a assimilação da Sagrada Escritura, destina-se a construir a comunidade “*daqueles que põem em prática a Palavra e não só a ouvem*” (Tg 1, 22), arautos e não apenas destinatários da divina revelação³⁶. A Palavra de Deus, com efeito, tem o poder de iluminar a existência humana, de impelir quantos a escutam a dirigir o olhar para as suas situações de vida e para as realidades, provocando a vontade irresistível de se empenharem no mundo a realizar a justiça, a reconciliação e a paz³⁷.

Quanto a isto, os fiéis esperam uma ajuda especial da homilia bem preparada que mostre, com palavras humanas, o poder de Deus e o seu desejo de alcançar o seu povo. Pronunciada por um pastor que conhece verdadeiramente o seu rebanho e que é capaz de comunicar com ele, “*a homilia pode ser realmente uma intensa e feliz experiência do Espírito, um confortante encontro com a Palavra, uma fonte perene de renovação e crescimento*”³⁸.

O Espírito Santo não está só na origem da proclamação da Palavra de Deus, mas também torna possível aos fiéis escutá-la frutuosamente e realizá-la na vida. Porque receberam o Espírito Santo no Batismo e na Confirmação, os fiéis são chamados a conformar a sua vida com aquilo que celebram na liturgia. Com o seu testemunho, tornam-se anunciadores da Palavra que escutaram

34 *Ordo Lectionum Missae*, Editio typica secunda (Città del Vaticano, 1981), nn. 6-7.

35 FRANCISCO, Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual *Evangelii Gaudium* (EG), 137.

36 *Ordo Lectionum...*, cit., 6. VD, 91.

37 VD, 49.

38 EG, 35.

para que ela “se difunda e seja glorificada e seja exaltado entre os povos o seu nome”³⁹. De facto, as palavras de vida eterna que escutamos no encontro com o Senhor durante a celebração da Eucaristia são dirigidas a todos.

3. A apresentação dos dons

O AMOR PREFERENCIAL PELOS POBRES – A reforma litúrgica do Concílio Vaticano II retomou a prática antiga de envolver a assembleia na oferta do pão e do vinho para o sacrifício eucarístico⁴⁰. O *Ordo romanus primus*⁴¹, última testemunha desta prática, informa-nos que o celebrante escolhia um pão entre os que tinham sido oferecidos juntamente com o vinho suficiente para a comunhão; o resto era posto de parte para ser distribuído aos pobres. Abandonada durante muitos séculos, esta prática foi retomada não só como uma oportunidade a mais de participação ativa dos fiéis, mas também como afirmação do uso louvável da Igreja primitiva, que mostrava desse modo a sua preocupação pelos pobres.

A comemoração da instituição da Eucaristia durante a Missa vespertina de Quinta-feira Santa na Ceia do Senhor, insere a uma procissão de dons em que os fiéis, juntamente com o pão e o vinho, apresentam os dons destinados aos pobres⁴². O cântico aconselhado para acompanhar este gesto reforça a mensagem: “*Ubi caritas est vera, Deus ibi est. Onde há caridade, aí está Deus*”. A este propósito, aquela eucaristia noturna, Memorial da sua instituição, é um bom modelo para todas as celebrações eucarísticas. Ela ensina-nos que a missão de cuidar dos pobres e dos desfavorecidos está no centro da liturgia eucarística. À medida que se cresce na atenção solidária para com os pobres e necessitados, a Eucaristia manifesta-se cada vez mais claramente como sacramento de amor.

A íntima ligação entre a Eucaristia e a missão da Igreja a favor dos pobres é expressa pelas palavras lapidares de S. João Crisóstomo, um antigo padre da Igreja: “*Queres honrar – pergunta – o corpo de Cristo? Não permitas que seja objeto de desprezo nos seus membros, isto é, nos pobres, privados de panos para se cobrirem. Não o honres aqui na igreja com panos de seda, enquanto fora o negligencias quando sofre de frio e de nudez... Que vantagem pode ter Cristo se a mesa do sacrifício está repleta de vasos de ouro, enquanto morre de fome na pessoa do pobre? Primeiro sacia o faminto, e só depois adorna o altar com o que sobra*”⁴³.

ATENÇÃO À CRIAÇÃO – A reforma da Missa promovida pelo Vaticano II une, à colocação dos dons sobre o altar, fórmulas de oração baseadas nas invocações hebraicas para a bênção da mesa: “*Bendito sejas, Senhor, Deus do universo, pelo pão (e pelo vinho) que recebemos da vossa bondade, fruto da terra e do trabalho do homem, que hoje vos apresentamos e que para nós se vai tornar Pão da vida (Vinho da salvação)*”. Estas fórmulas de oração são expressão de louvor a Deus

39 *Ordo Lectionum...*, cit., 7.

40 Cf. J. JUNGMANN, *Missarum Sollemnia, Origini, liturgia, storia et teologia della Messa Romana*, Vol. II: *La Messa sacrificale* (Roma 1954). Jungmann recorda as antigas práticas de Ireneu a Tertuliano, a Hipólito de Roma e Cipriano. Uma pequena porção dos dons do pão e do vinho oferecidos pela assembleia eram utilizados para o sacrifício eucarístico. O resto era depois distribuído pelos pobres.

41 *Ordo romanus I*, in M. ANDRIEU (ed.), *Les Ordines Romani du Haut Moyen Age, II; Les textes: Ordines I-XIII (Spicilegium Sacrum Lovaniense. Études et documents 23)*, nn. 78-84. Pp. 93-94.

42 A rubrica diz: “*No começo da liturgia eucarística pode fazer-se uma procissão dos fiéis durante a qual, juntamente com o pão e o vinho, são apresentados os dons para os pobres*”.

43 *In Maththaeum hom.* 50, 3-4, PG 58, 508-509.

pela criação do mundo e pela colaboração humana na produção do pão e do vinho – símbolos de vida e de fraternidade – que na Eucaristia se tornarão o sinal da presença viva e santificante de Cristo no meio da assembleia e no mundo.

Tudo isto se transforma também em compromisso para uma missão profética. Prestar culto a Deus não significa desinteressar-se pelo ambiente e pelos recursos naturais. De facto, bendizer o Senhor criador de todas as coisas, significa dar graças a Deus pela terra, sua criatura, da qual provém o nosso sustento. O mundo não é apenas matéria-prima a utilizar e a desperdiçar livremente até ao seu esgotamento. Todos os filhos de Deus devem viver da forma que convém à sua dignidade. “Bendizer o Senhor, Deus do universo” significa erguer um grito profético contra a avidez humana e estender as mãos em defesa da terra, dos seus recursos e das vítimas das calamidades naturais, consequências de uma exploração irresponsável.

4. A Oração eucarística

FORMAR O CORPO DE CRISTO: O SINAL DO PÃO E DA ASSEMBLEIA – Depois de ser invocado sobre os dons do pão e do vinho para que *“se tornem o corpo e o sangue de Jesus Cristo”* (Oração Eucarística III), o Espírito Santo é invocado sobre quantos estão reunidos na assembleia para que, alimentando-se do Corpo e do Sangue de Cristo, se tornem *“um só corpo e um só espírito”* (OE III). Em nenhum outro lugar se poderia encontrar uma articulação mais clara daquilo que o mistério Eucarístico significa para Cristo e para a Igreja: a Igreja celebra a Eucaristia para ser constantemente edificada como *“corpo de Cristo”*. O pão e o vinho tornam-se *“corpo de Cristo”* a fim de transformar a assembleia celebrante que assim entra na história como *“corpo de Cristo”* oferecido para vida do mundo.

Já a partir da segunda metade do século primeiro, isso está expresso numa oração que a Igreja conservou no seu tesouro de textos eucarísticos: *“Como este pão partido estava disperso pelos montes e recolhido se tornou uma só coisa, assim seja recolhida a tua Igreja no teu reino desde os confins da terra”*⁴⁴. O que era verdadeiramente importante para a Igreja primitiva era que a celebração eucarística reunisse os fiéis. Estes estavam, de facto, convencidos de alcançar a salvação só se *“juntos”* (*ekklesia*). Assim, consideram-se como o único *“corpo de Cristo”*, os membros da assembleia eram sensíveis ao sofrimento dos membros pobres e doentes e sentiam-se no dever de os ajudar nas suas necessidades.

A Eucaristia continua a enviar a Igreja em missão para que realize no mundo a justiça. Saindo da celebração eucarística, cada fiel cristão, e toda a Igreja na medida em que isso lhe diz respeito, assume a missão de manter o Corpo de Cristo intato e de curar os doentes e quantos estão feridos pela indiferença e a discórdia.

5. A comunhão

A FRACÇÃO DO PÃO – Durante a última ceia Jesus tomou o pão, partiu-o e deu-o aos seus amigos dizendo: *“Tomai... isto é o meu corpo que será entregue por vós”*. Na Eucaristia o sacerdote repete este mesmo gesto de Cristo. Ele parte o pão como sinal do amor do Senhor Jesus cujo corpo foi *“partido”* por nós. Todas as vezes que se realiza este gesto na celebração da Eucaristia, é-nos recordada a morte dolorosa pela qual Cristo tinha de passar para nos mostrar o seu amor. Recebendo o pão partido recordamos que Cristo morreu para que tivéssemos a vida.

Todas as vezes que celebramos a Eucaristia, tomamos *“cada vez mais consciência de que o sacrifício de Cristo é para todos e, portanto, a Eucaristia impele cada um dos crentes n’Ele a tornar-se “pão partido” para os outros, e portanto, a empenhar-se em favor de um mundo mais*

44 W. RORDORF – A. TULLER, *Didache: La Doctrine des Douze Apôtres*, 9-4 ; Sources Chrétiennes 248, Paris² 1998.

*justo e fraterno*⁴⁵. Cristo quer dar vida à humanidade e ao mundo tornando-nos disponíveis a “fazer isto” (sacrifício, partilha, amor solidário), em sua memória. Cada um de nós é verdadeiramente chamado, com Jesus, a ser pão partido para vida do mundo.

Dirigindo-se aos povos da Ásia, S. João Paulo II louvou a extraordinária capacidade de doação, de sacrifício e de testemunho – numa palavra, de martírio – manifestada por tantos cristãos da Ásia ao longo dos séculos, e estimulou os batizados de hoje a fazer o mesmo que a situação o exigir⁴⁶. A Ásia ofereceu generosamente, à Igreja e ao mundo, muitos homens e mulheres que demonstraram claramente a verdade da fé enfrentando com coragem também a morte violenta para mostrar a beleza da fé no meio das provações mais cruéis da perseguição. S. Paulo Miki e companheiros, S. Lourenço Ruiz e companheiros, Santo André Dung Lac e companheiros, Santo André Kim Taegon e companheiros, Agostinho Zhao Rong e os seus 119 companheiros, S. Pedro Calungsod – todos asiáticos – deram forma concreta à fé eucarística partindo a sua vida por amor.

O ALIMENTO EUCARÍSTICO – Na Eucaristia o “corpo de Cristo”, constituído pela assembleia, torna-se pão para os outros. A ação eucarística pode ser um corpo que se consome, isto é, se parte e é oferecido para alimentar a fome do mundo. A Eucaristia impele os fiéis a oferecer a si mesmos como alimento para o mundo. O gesto de comungar o pão da vida abaixa-nos com Cristo à “condição de servo” (Fil 2, 7).

A grande capacidade de sacrifício que caracteriza os povos asiáticos permanecerá irrelevante se não for unida à vontade de partilhar. O esvaziamento de si mesmo só tem sentido se encher outra pessoa. Cristo esvaziou-se da sua divindade para que tivéssemos a sua vida, e ativéssemos em abundância (Jo 10, 10). S. João Paulo II recordou as áreas geográficas específicas em que hoje se pode realizar esta partilha na Ásia⁴⁷. As situações em que os refugiados, os que pedem asilo, os imigrantes e trabalhadores se encontram nos Países estrangeiros - solidão, diferenças culturais, desvantagens linguísticas e vulnerabilidade económica – exigem uma casa de acolhimento onde as suas canseiras e os seus pesos possam encontrar conforto e repouso. Que as comunidades cristãs, em qualquer País ou lugar, possam tornar-se essas casas acolhedoras onde refazer as forças. O banquete eucarístico impele-nos a partilhar aquilo que temos para que, no interior das nossas comunidades, não haja mais necessitados.

6. A despedida: “*Ite missa est*”

Os ritos de conclusão da celebração eucarística são um envio em missão. Há algumas que relacionam este carácter missionário dos ritos conclusivos com o facto de que as palavras “*missa*” e “*missão*” derivam ambas do verbo latino *mittere* (enviar). É também significativo que este rito seja descrito como “*despedida do povo... para que cada um volte para as suas obras de bem, louvando e bendizendo a Deus*”⁴⁸.

Acima, a propósito dos ritos iniciais, está escrito que todos os que formam a assembleia, estão reunidos, dispostos a escutar a palavra de Deus e a tomar dignamente parte na mesa eucarística, a fim de regressarem ao mundo como instrumentos de unidade, arautos da Boa Nova e pão partido e partilhado para vida do mundo. Agora, na despedida da Missa, todos são enviados: “*Ide...*”. Acontece como na narrativa dos discípulos de Emaús: o encontro com Cristo ressuscitado na

45 BENTO XVI, *Sacramentum Caritatis* (SAC), Exortação Apostólica pós-sinodal sobre a Eucaristia fonte e cume da vida e da missão da Igreja, 88.

46 JOÃO PAULO II, *Ecclesia in Asia* (EA), Exortação Apostólica pós-sinodal sobre Jesus Cristo Salvador e a missão de amor e de serviço na Ásia, 49.

47 EA, 34.

48 *Ordenamento geral do Missal Romano*, terceira edição típica (20 de abril de 2000, 90/c).

palavra proclamada e na fração do pão tem o poder de transformar os fiéis que formaram a assembleia em anunciadores entusiastas e zelosos do Senhor. A fraternidade que experimentaram, a Palavra que escutaram e a Mesa eucarística que partilharam, devem ser testemunhados ao mundo.

Tornamo-nos testemunhas quando, pela ação, pelas palavras e pelos comportamentos, a Pessoa de quem demos testemunho – o Senhor Jesus Cristo que nos reuniu, nos falou e ofereceu o seu corpo por nós como pão de vida – se torna presente⁴⁹. Testemunhar a Cristo significa que as pessoas que encontramos no trabalho, em casa, e em qualquer outro lugar podem experimentar as suas palavras de consolação, a sua cura, a sua força de comunhão e a sua presença vivificante por meio da nossa pessoa.

A Missa em que participámos envia-nos a trabalhar, pela difusão do Evangelho permeando a sociedade com os valores cristãos⁵⁰. Tem de haver uma continuidade ininterrupta entre a Missa celebrada e a nossa missão como cristãos no mundo⁵¹. As orações depois da Comunhão exprimem esta continuidade ininterrupta que é fruto de autêntica participação eucarística: *“para que os frutos de salvação que recebemos neste sacramento se manifestem em toda a nossa vida”*⁵². Deste modo a Igreja aparece plenamente como mistério de comunhão e de missão, para que a Eucaristia, que está no centro da sua existência, é por excelência o sacramento da comunhão e da missão.

A celebração da Eucaristia, e cada uma das suas partes, demonstra que a responsabilidade missionária da Igreja faz parte da sua própria natureza. A identidade da Igreja consiste em ser uma comunidade em missão. A Igreja realiza esta identidade tanto na sua vida litúrgica, em que proclama ritualmente que Cristo salvou o mundo pelo seu mistério pascal, como na sua vida de serviço com que afirma a presença salvífica de Cristo nas coisas humanas e na vida do mundo.

49 Cf. SAC, 85.

50 JOÃO PAULO II, Carta Apostólica para o ano da Eucaristia (7 de outubro de 2004) *Mane nobiscum Domini* (MND), 24.

51 Cf. SAC, 51.

52 Oração depois da comunhão, no XXV Domingo do Tempo Comum: *“Ut redemptionis effectum et mysteriis capiamus et moribus”*.

IV. A MISSÃO DA IGREJA NA ÁSIA: MISSÃO EM DIÁLOGO

A. O diálogo como modalidade privilegiada da missão

No contexto concreto do continente asiático, a Igreja – que é sempre e em toda a parte uma comunidade missionária pela sua origem e pela sua relação com Cristo⁵³ - é chamada de modo particular a apoiar o seu mandato missionário num espírito de diálogo. Tal mandato como particular critério de missão torna-se necessário e não apenas para assegurar as relações e a pacífica coexistência entre os povos da Ásia tão diferentes pela variedade de línguas, religiões e culturas. Esta modalidade de empenhamento missionário tem a sua raiz, sobretudo, na economia trinitária da redenção e no chamamento à comunhão com que o Pai se pôs em relação com a humanidade por meio de um amoroso diálogo de salvação que alimenta com a mesma humanidade por meio do Filho e com o poder do Espírito Santo⁵⁴.

O diálogo *“corresponde a maneira como Deus agiu em Jesus Cristo, que se fez homem, partilhou a vida humana e falou uma linguagem humana para comunicar a sua mensagem salvífica”*⁵⁵.

A Igreja, portanto, não tem outro caminho para realizar o mandato missionário recebido do seu Mestre e Senhor (cf. Jo 13, 14) senão o diálogo de salvação com todos os homens e mulheres reproduzindo o caráter essencial da iniciativa divina em vista da redenção e da comunhão⁵⁶. A perspetiva do Concílio Vaticano II sobre o modo como a Igreja é chamada a realizar a sua missão no mundo moderno reflete um compromisso dialógico com os diversos povos, línguas, religiões, culturas e estruturas sociopolíticas⁵⁷. Isto é particularmente verdade para a Ásia, onde ela se empenha no diálogo *“com todos os que partilham a fé em Jesus Cristo, Senhor e Salvador”*, mas também com *“os seguidores de todas as outras tradições religiosas, na base do anseio religioso presente em todos os corações humanos”*⁵⁸.

Já na sua primeira Assembleia plenária, os Bispos da Ásia reconheceram os aspetos particulares que este diálogo deve assumir no contexto da missão na Ásia: *“Diálogo permanente, humilde e amoroso com as tradições vivas, as culturas, as religiões – em síntese, as realidades vitais daqueles povos no meio dos quais a Igreja lançou profundamente as suas raízes assumindo a sua história e a sua vida”*⁵⁹. Ainda que apontado há trinta anos⁶⁰, este tríptico diálogo ainda permanece fundamental: diálogo com as culturas dos povos asiáticos, com as suas religiões, com as suas

53 Cf. SC, 6.

54 Cf. EA, 29.

55 *Ibidem*.

56 Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTERRELIGIOSO, *Il dialogo e l'annuncio. Riflessioni e orientamenti sul dialogo inter-religioso e sull'annuncio del Vangelo di Gesù Cristo* (19 de maio de 1991) in OR, 21 de junho de 1991.

57 Cf. CONCÍLIO VATICANO II, Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo (7 de setembro de 1965) *Gaudium et spes* (GS), especialmente os nn. 23 e 42. *Ad Gentes* (AG), Decreto do Concílio Vaticano II sobre a atividade missionária da Igreja (7 de dezembro de 1965), nn. 5 e 10.

58 EA, 58.

59 FEDERATION OF ASIAN BISHOPS' CONFERENCE (FABC), *Evangelization in Modern Day Asia. First FABC Plenary Assembly (1974)*, in *For All the Peoples of Asia (FAPA), I: FABC Documents from 1970-1991*, ed. F. J. Eilers, Quezon City 1997, n. 14.

60 Este tríptico diálogo foi articulado pela primeira vez na primeira assembleia plenária da FABC, realizada em Taipei em Abril de 1974. Cf. FAPA I, pp. 25-42.

situações de pobreza, de impotência, de sofrimento e opressão que envolvem um grande número de pessoas⁶¹.

B. Os elementos do diálogo

Este tríplice diálogo deve ser realizado *“como um testemunho prestado a Cristo pela palavra e pelas obras, a fim de alcançar as pessoas na realidade da sua vida quotidiana”*⁶². O testemunho de Cristo pela palavra realiza-se por meio do anúncio explícito do Evangelho da salvação e pelo uso de histórias e de outras formas narrativas particularmente eficazes; a maior parte dos povos asiáticos, com efeito, dão-se melhor com *“uma pedagogia evocativa, que utiliza histórias, parábolas e símbolos”*⁶³. O Primeiro Congresso Missionário Asiático realizado em Chiang Mai, na Tailândia, em Outubro de 2006 recordou com emoção e gratidão que o próprio Jesus ensinou utilizando parábolas e histórias do amor de Deus feito homem por nós!⁶⁴. Tais histórias têm particular capacidade para fazer compreender mesmo os mistérios mais profundos da fé, de modo a transformar as perspectivas e os valores da vida, construir comunidade e realizar a comunhão.

O testemunho de Cristo pelas obras, por outro lado, realiza-se quando, na base deste tríplice diálogo, se realizam ações concretas de serviço em favor da justiça, da paz e da dignidade humana, até conduzir os pobres e os marginalizados ao desenvolvimento integral e à libertação. Ambos os modos de empenhamento (palavras e obras) comportam um diálogo de vida, a imersão na situação dos povos a quem o Evangelho da salvação é proclamado, uma grande sensibilidade pela sua cultura, o respeito e o acolhimento de todos, uma atitude de escuta benévola, o desenvolvimento de relações humanas e a paciência na aprendizagem. Este diálogo na missão, além disso, exige uma *“espiritualidade de preservação”* que defende a integridade da criação em favor de todos os que sofrem por causa das calamidades destruidoras derivadas do abuso do ambiente e dos recursos naturais, ou da injusta distribuição dos bens da terra.

Além disso, a evangelização deverá ser permanentemente referida à pessoa e ao estilo de Jesus, no respeito para com o Espírito, no discernimento orante, na busca de uma *Kénosis* pessoal, na compaixão e na capacidade de orientar outros na vida da graça e da santidade.

C. O diálogo e o anúncio

O diálogo não é um fim em si mesmo, mas um meio para a permuta e a inculturação. Permite respeitar os outros, reconhecer os seus dons e o seu modo de experimentar a bondade de Deus⁶⁵: *“Nas diversas fases do diálogo, as duas partes sentirão uma grande necessidade de dar e receber informações e explicações, de fazer perguntas uns aos outros”*⁶⁶. Da sua parte, através do diálogo, os cristãos deveriam estar prontos a oferecer a sua fé, a dar a razão da esperança que está neles (cf. 1 Pe 3, 15) em resposta às expectativas dos seus *partners*. O diálogo é sempre em vista do anúncio e da partilha da própria fé e esperança em Cristo. Não pode haver verdadeira evangelização sem o anúncio de Jesus Cristo, da sua morte salvífica e da sua ressurreição⁶⁷. Não se

61 Cf. FEDERATION OF ASIAN BISHOPS' CONFERENCE, 7th Plenary Assembly (2000), in FAPA III, n. 4.

62 Bishops' Institute Missionary Apostolate I (Baguio), 5.

63 EA, 20.

64 *Telling the Story of Jesus in Asia. The Message of the First Asian Mission Congress*, Chiang Mai, Tailândia (18-22 de outubro de 2006).

65 Cf. *Faith Encounters in Social Action IV* (Kuala Lumpur), 12.

66 *O diálogo e o anúncio...*, cit., 82.

67 EG, 110; EA, 2 e 29. PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (EN), 22.

pode partilhar com os outros aquilo que não se tem. Para participar frutuosamente neste diálogo, os cristãos devem aprofundar a sua fé em Cristo e no seu mistério pascal, purificar as suas atitudes, tornar clara a sua linguagem e tornar cada vez mais autêntico o seu culto⁶⁸.

Todas as fases do diálogo e do anúncio devem, finalmente, ser motivadas pelo amor. Os cristãos anunciam e partilham a sua fé em Cristo não só em obediência ao mandato do Salvador, mas por amor. Por outro lado, espera-se que, do mesmo modo, os seguidores de outras religiões partilhem as riquezas da sua fé. O mesmo espírito de caridade cristã é preciso para se abrir e deixar enriquecer pela partilha com os outros. A propósito disto, os Bispos da Ásia deram uma oportuna orientação: “*Dialogar não significa renunciar ao próprio compromisso, pô-lo entre parênteses ou refugiar-se em fáceis compromissos. Pelo contrário, para um diálogo profundo e fecundo, é necessário que cada partner esteja fortemente empenhado na própria fé*”⁶⁹. Toda a forma de diálogo implica reciprocidade e afasta o medo e a agressividade⁷⁰.

D. A Eucaristia, fonte e cume do diálogo

Na vida da Igreja, a Eucaristia é, ao mesmo tempo, fonte e cume do diálogo. Pela nossa participação na celebração eucarística, entramos numa comunhão de vida com a Santíssima Trindade inserindo-nos no diálogo de vida e de salvação que realizou na história e continua hoje no mistério litúrgico com o poder do Espírito Santo. Os diversos momentos da celebração empenham o nosso corpo, os nossos sentidos, a nossa consciência e o nosso coração naquele diálogo que nos permite participar no ritmo da vida de Cristo oferecida para nossa salvação. Formando uma assembleia celebrante, respondemos ao chamamento do Pai que nos quer novo povo da aliança. Pela escuta e assimilação da Palavra proclamada empenhamo-nos num diálogo por meio do qual o Pai oferece cura e nos enriquece com a sua vida e com o seu amor, sobretudo, com a ajuda da homilia que, devido ao seu contexto eucarístico, ultrapassa toda a forma de catequese porque conduz à comunhão sacramental⁷¹.

Alimentando-nos de Cristo e bebendo do cálice da salvação, de modo muito especial entramos num diálogo de vida com a Santíssima Trindade; ao deixarmos a assembleia eucarística, somos convidados a continuar este diálogo trinitário da vida e da salvação por meio de formas de serviço amoroso para com os pobres, os últimos, os afastados⁷².

O movimento dinâmico da ação celebrativa, portanto, faz-nos compreender que a Eucaristia é memorial vivo do diálogo que marcou a vida e o mistério de Jesus, que encontrou o seu cume no mistério pascal da paixão, morte, ressurreição e glorificação. Tal diálogo foi, ao mesmo tempo, um ato de obediência ao Pai e um sacrifício de louvor (movimento ascendente), a manifestação da sua compaixão para com os pobres e os pecadores e a realização da forma mais elevada de serviço fraterno (movimento descendente)⁷³.

Na Ásia, onde a modalidade característica da existência da Igreja é o diálogo, a Eucaristia resplandece como “a experiência extraordinária do diálogo de Deus connosco e da nossa resposta: um diálogo de vida, um diálogo de amor”⁷⁴. O facto de Cristo na Eucaristia convidar a todos para

68 *O diálogo e o anúncio...*, cit., 82.

69 Bishops' Institute for Interreligious Affairs IV/7 (Tagaytay), n. 10.

70 *O diálogo e o anúncio...*, cit., 82.

71 EG, 137; DD, 41.

72 Cf. EA,

73 Cf. FABC, *Living the Eucharist in Asia. Final Documents of the IX FABC Plenary Assembly* (10/16 agosto 2009).

74 Cf. CATHOLIC BISHOPS' CONFERENCE OF THE PHILIPPINES, Pastoral Letter *Landas ng Pagpapakabanal*, on Filipino Spirituality (2000), 71-74.

uma mesa fraterna para partilhar a sua vida por palavras de amor e de cura e por meio de uma refeição que estabelece relações de amor entre aqueles que invocam a Deus como Pai, significa muito para um povo cuja cultura se orgulha de manter estreitos laços familiares reforçados pela presença ativa dos pais e das refeições tomadas em família. O facto de Cristo se oferecer a si mesmo como pão que sacia a fome e bebida que sacia a sede, pode encher de alegria o coração das multidões que neste continente experimentam diariamente a insuficiência do necessário⁷⁵. A Eucaristia deveria ser o ponto de referência constante no diálogo missionário permanente das Igrejas da Ásia com as culturas locais, com as religiões, com os pobres e os jovens. Porque o diálogo entre Deus e a humanidade que aí transparece é semente da missão.

75 *Ibidem*, 75-76.

V. MISSÃO EM DIÁLOGO COM OS POVOS E AS CULTURAS

A missão da Igreja na Ásia realiza-se em diálogo com uma grande variedade de culturas. A Ásia não é apenas o maior continente da terra habitado por pouco menos que dois terços da população mundial; é também sede de um intrincado mosaico de culturas, línguas, fés e tradições⁷⁶. Lembrando uma observação feita pelos bispos do continente⁷⁷, o Papa Francisco sublinhou as múltiplas influências exercidas sobre as culturas asiáticas pelos novos modelos de comportamento devidos a uma excessiva exposição aos meios de comunicação. Em consequência os valores tradicionais – entre os quais a sacralidade do matrimónio e a estabilidade da família – são enfraquecidos pelas influências negativas da indústria dos *media* e do espetáculo⁷⁸. A tudo isto acrescenta-se o facto de que o cristianismo permanece uma religião minoritária no continente porque é percebido ainda como “demasiado ocidental” e como “instrumento de dominação colonial”⁷⁹. Por isso, a missão na Ásia passa necessariamente pelo diálogo com as culturas dos povos asiáticos, para que a fé seja inculturada e a cultura seja evangelizada⁸⁰.

A. Inculturação e missão

1. Uma necessidade teológica e pastoral

O empenho na inculturação tem como objetivo construir verdadeiras comunidades cristãs que sejam asiáticas no seu modo de pensar, rezar, viver e comunicar a sua experiência de Cristo aos outros⁸¹. Diante desta visão, a inculturação não é só uma questão de escolha mas sobretudo um imperativo teológico e pastoral. O mistério da encarnação e o mistério pascal são o fundamento e o modelo para a profunda inserção das Igrejas locais nas culturas vizinhas, no que diz respeito à sua vida, ao seu modo de celebrar, ao testemunho e à missão⁸².

O Filho de Deus fez-se homem tornando-se parte da história, da cultura, das tradições e da religião do povo hebreu. Do mesmo modo a Igreja, deve incarnar em qualquer raça ou cultura onde se encontre a viver. Deve tornar-se parte daquele povo no qual lançou as suas raízes, “*com o mesmo movimento com que o próprio Cristo, pela sua encarnação, se ligou ao particular ambiente sociocultural dos homens no meio dos quais vive*”⁸³. A Igreja deve compenetrar-se na vida dos povos, que a acolhem e não pode permanecer-lhes estranha. Deve incarnar a ponto de ser considerada não só como a Igreja que está na Ásia, mas como a Igreja asiática; não só como a Igreja que está nas Filipinas, mas como a Igreja filipina.

76 EA, 6.

77 *Ibidem*, 7.

78 EG, 62.

79 A.J. CHUPUNGO, *Mission and Inculturation; East Asia and the Pacific*, in *The Oxford History of Christian Worship*, ed. G. Wainwright e K. B. Westerfield Tucker, Oxford University Press, Oxford 2006, p. 665.

80 Cf. *Consultation on Evangelization and Inculturation*, in FAPA III, p. 218.

81 Cf. *Conclusions of the Asian Colloquium on Ministries in the Church* (Hong Kong, 1977), in FAPA I, p. 70.

82 *Church Issues in Asia in the Context of Evangelization, Dialogue and Proclamation. Conclusions of the Theological Consultations* (Thailand, 3-10 de novembro de 1991), in FAPA II, p. 201.

83 AG, 10.

Uma tal atitude, longe de pôr em risco a unidade da Igreja, promoverá a sua universalidade. Cristo, por meio da fé da Igreja e da celebração da sua obra salvífica, continua a incarnar nos diversos povos e culturas. Ele é o Salvador universal, porque assume as realidades concretas de cada povo e oferece-lhe a redenção. Assim a Igreja, é verdadeiramente universal porque incarna nas realidades concretas de cada Igreja particular. Quando realiza essa encarnação, enriquece não só as pessoas que recebem a fé mas também a si mesma.

2. Em diálogo com as culturas da Ásia

Pelo anúncio do Evangelho e pela utilização das realidades culturais de um povo nas celebrações litúrgicas, a Igreja continua no tempo e no espaço o diálogo de salvação iniciado por Deus e que atingiu o cume quando o Pai, na plenitude dos tempos, introduziu a sua Palavra na história dos homens⁸⁴. A inculturação não é um simples instrumento para tornar mais atraente e aceitável a fé, o culto e a vida a um povo particular. Praticar o diálogo com as culturas da Ásia significa incarnar verdadeiramente a mensagem e a vida de Cristo na mente e no coração dos nossos povos para que possam viver de modo inconfundivelmente asiático, isto é, como Igreja particular que está na Ásia.

O Evangelho é-lhes pregado pelo uso de símbolos vivos, imagens, realidades e histórias que fazem parte da sua existência quotidiana. Eles recebem a Palavra como fundamento da sua vida, das suas atitudes e aspirações, e são ajudados a experimentar a fé e a celebrar a liturgia de modo que reflita os valores que têm a peito, utilizando expressões que fazem parte da sua cultura. Afinal, a língua, os ritos e os símbolos do culto cristão, têm sempre a sua origem numa cultura e continua a receber significado daquela cultura. A história da liturgia atesta a integração dos elementos culturais provenientes dos diversos povos com quem a Igreja entrou em contato ao longo dos séculos⁸⁵. As celebrações de uma particular comunidade cristã não podem deixar de assumir as expressões culturais da população local. Desse modo os cristãos tornam-se o Corpo de Cristo naquele momento e lugar. Com este diálogo, o Evangelho é inculturado e as diversas culturas são evangelizadas.

Nascem assim comunidades que são locais mas que vivem em comunhão com as outras comunidades que também têm a sua unicidade. Juntas professam a única fé e partilham o único Espírito, uma única vida sacramental e uma única Eucaristia embora celebrada com características próprias. No fundo, cada Igreja particular representa o modo mais eficaz de incarnar o Evangelho e celebrar o culto divino integrando os valores autênticos de cada cultura.

A Igreja na Ásia deve considerar com largueza de vistas aqueles elementos das culturas locais que podem contribuir para a construção de uma autêntica espiritualidade cristã: uma oração profundamente interiorizada e capaz de envolver toda a pessoa na sua unidade de corpo-mente-espírito; as numerosas tradições de ascese e de renúncia; as técnicas de contemplação presentes nas antigas religiões orientais; as expressões populares de fé e piedade claramente acessíveis, de tal modo que os corações e as mentes de todos possam facilmente dirigir-se para Deus no encadeamento da vida de cada dia. O Espírito está a conduzir a Igreja da Ásia a integrar no tesouro do seu património cristão tudo o que há de melhor nas modalidades tradicionais de oração e de culto. Este é o dom de oração que a Ásia oferece à Igreja.

B. A piedade popular no diálogo da Igreja com as culturas da Ásia

84 Cf. *Letter of Participants of the First Bishops Institute for Missionary Apostolate*, Bagulo City, Philipines, 27 July 1978, in FAPA I, p. 94.

85 Cf. A. J. CHUPUNGO, *op. cit.*, 662

O discurso sobre o diálogo da Igreja com as diversas culturas no contexto concreto da Ásia não está completo sem a consideração das múltiplas formas de piedade popular que abundam entre os povos do continente. Os seguidores de todas as culturas e as religiões estão imersos em celebrações, festas religiosas e devoções populares que não podem ser ignorados numa missão evangelizadora chamada a inculturar a fé e a liturgia⁸⁶. Tais formas de piedade popular *“manifestam uma sede de Deus que só os simples e os pobres podem experimentar”* e torna as pessoas *“capazes de generosidade e de sacrifício até ao heroísmo, quando se trata de manifestar a fé”*⁸⁷. No contexto da missão na Ásia deve reconhecer-se, em primeiro lugar, a importância da piedade popular e das suas várias formas na comunicação do Evangelho. Em segundo lugar, a Igreja na Ásia é chamada a integrar na liturgia alguns dos elementos linguísticos e rituais da piedade popular, de tal modo que os fiéis que aí se sentem em casa e experimentam a presença de Deus que os socorre nas suas necessidades quotidianas. Por outras palavras, é preciso um intercâmbio enriquecedor entre a liturgia e a piedade popular de tal modo que *“os anseios de oração e a vitalidade carismática que estão presentes nos nossos países possam ser canalizados com clareza e prudência”* e *“a piedade popular, com a sua grande riqueza simbólica e expressiva, possa partilhar o seu dinamismo criativo com a liturgia”*⁸⁸.

1. A piedade popular na missão da Igreja

As experiências missionárias da Igreja na Ásia, tal como na América Latina, atestam a força intrínseca da piedade popular para um processo de acolhimento e assimilação da fé por um povo e para a sua transmissão às gerações futuras. Neste sentido não será descabido recordar que a piedade popular presente na experiência filipina da missão é significativamente semelhante à de outros países, tanto asiáticos como latino-americanos e africanos. Os missionários espanhóis conseguiram difundir facilmente a fé cristã entre os povos do arquipélago filipino introduzindo a Devoção ao Santo Menino (Santo Niño) e à Bem-aventura Virgem Maria. A piedade popular foi sempre a base de apoio do catolicismo neste País. Foi por apego às suas devoções religiosas que os filipinos não abandonaram a fé cristã, também quando se revoltaram contra os religiosos espanhóis que os tinha evangelizado. Do mesmo modo, quando o sistema educativo no país era controlado por professores protestantes americanos, os filipinos não se afastaram do catolicismo romano. E também hoje, as atividades de proselitismo das seitas fundamentalistas encontraram, entre os católicos, um terreno pouco favorável porque essas seitas não têm simpatia pelas devoções populares.

A história da fé cristã nas Filipinas sempre incluiu as devoções religiosas. É um facto que *“muito daquilo que os católicos filipinos conhecem sobre a doutrina católica e sobre os seus valores éticos, foi aprendido por meio dos sacramentos e das práticas devocionais”*⁸⁹. Além disso, a prática de algumas formas de piedade popular sempre deu ocasião para organizar formas de caridade para com os pobres.

Com estas e muitas outras formas de missão, a Igreja encoraja uma atitude compreensiva para com a piedade popular, aproximando-se *“dela com o olhar do Bom Pastor, que não procura julgar, mas amar. Somente a partir da conaturalidade afetiva dada pelo amor podemos apreciar a vida*

86 Cf. EA, 22.

87 EN, 48.

88 CELAM, *L'evangelizzazione nel presente e nel futuro dell America Latina, Documento de Puebla* (1979), 465; Emi, Bologna 1979.

89 CATHOLIC BISHOPS' CONFERENCE OF THE PHILIPPINES, *New National Catechetical Directory for the Philippines*, Manila 2007, n. 308.

*teologal presente na piedade dos povos cristãos, especialmente nos pobres*⁹⁰. A piedade popular deve ser promovida e reforçada: possui, de facto, uma capacidade evangelizadora que não deve ser menos apreciada porque manifesta uma vida teologal animada pela ação do Espírito Santo⁹¹. Na prática, esta atitude compreensiva pode levar à integração de alguns aspetos (linguísticos e rituais) da piedade popular na liturgia. As pessoas podem assim experimentar algo de familiar durante a liturgia e, ao mesmo tempo, a piedade torna-se um verdadeiro meio de evangelização. Neste caso, um diálogo entre liturgia e cultura dá um rosto humano à liturgia e um fundamento mais sólido à religiosidade popular.

C. A Eucaristia no diálogo da Igreja com as culturas

Na grande variedade de culturas, valores e tradições que caracterizam o continente asiático, podem encontrar-se muitos elementos comuns: fortes laços familiares, o respeito filial, as refeições em família, a sacralidade da palavra de Deus (transmitida nos escritos sagrados), a hospitalidade, a *leadership* exercida como serviço e a disponibilidade para o sacrifício. Por isso, os homens e as mulheres do continente não terão dificuldades em reconhecer na celebração eucarística os muitos valores que partilham.

A Eucaristia considerada como refeição, sustenta claramente a disponibilidade e as relações familiares tão apreciadas pela maior parte das pessoas de origem asiática. A Eucaristia poderá, portanto, ser apresentada como a mesa familiar à volta da qual Deus reúne os seus filhos para os alimentar com a sua Palavra e com o corpo do seu Filho amado, uma ceia onde os pequenos possam dar graças e louvar o Pai pelo seu imenso amor, e manifestar tranquilamente as suas necessidades juntamente com aqueles que formam a sua família alargada.

A Eucaristia como sacrifício é muito significativa para a maior parte dos habitantes da Ásia porque eles percebem a *leadership* (na família e na sociedade) como um serviço prestado na disponibilidade para se sacrificar pelo bem dos outros. Acontece frequentemente, nas famílias pobres das Filipinas, que os pais deixam que os seus filhos comam primeiro para terem a certeza de que nenhum deles fica com fome. Ao mesmo tempo os irmãos mais velhos trabalham toda a vida para permitir aos mais novos frequentar a escola.

A celebração eucarística, mesa familiar e sacrifício, é o modo melhor para anunciar a boa nova de que Deus oferece a salvação pelo dom do seu Filho: Ele sacrifica-se para que todos nós entremos a fazer parte da sua família, sejamos enriquecidos com a sua Palavra, vivificados pelo seu corpo partido e alimentados pelo seu pão partilhado. Assim a Eucaristia torna-se o melhor modo de se abrir à missão e de partilhar a vida com os outros.

90 EG, 125.

91 *Ibidem*.

VI. UMA MISSÃO EM DIÁLOGO COM AS OUTRAS RELIGIÕES

A Ásia, para além de ser um ambiente humano multicultural, é também sede de uma vasta gama de religiões e tradições religiosas. Na Ásia nasceram o hebraísmo, o cristianismo, o islão, o induísmo e muitas outras tradições espirituais representadas por budistas, taoistas, confucionistas, seguidores de Zoroastro, jainistas, sikhs, xintoístas. Não faltam sequer outras religiões tradicionais ou tribais diversamente praticadas.

A. Um diálogo de vida e de coração

1. *As sementes escondidas do Verbo*⁹²

No seu diálogo com as realidades multirreligiosas da Ásia, a Igreja assume uma atitude de profundo respeito e de honra para com os fiéis e religiões, reconhecendo que elas de algum modo contribuíram para aproximar a humanidade de Deus⁹³. Enquanto se esforça por manter equilibrado o seu enraizamento em Cristo, a Igreja procura compreender melhor a vida, a doutrina, os dogmas e os ritos das outras tradições religiosas, a fim de as envolver num respeitoso encontro capaz de oferecer um enriquecimento recíproco. Estas grandes tradições religiosas, afinal, sancionam valores espirituais, éticos e humanos que manifestam a presença de sementes do Verbo e, ao mesmo tempo, a obra criadora do Espírito Santo no mundo. A profunda experiência religiosa dos nossos antepassados e as mais nobres aspirações dos seus corações continuam a manifestar-se nestas tradições religiosas que dão sentido, orientação e força a quantos as seguem.

2. *O modelo da encarnação de Cristo*

Esta atitude positiva para com as outras culturas religiosas do continente está de acordo com o projeto salvífico da encarnação com o qual Cristo acolheu tudo aquilo que é humano (exceto o pecado), a fim de abraçar a todos na luz do seu amor⁹⁴. Cristo revelou o mistério de Deus e realizou a sua missão salvífica no contexto da tradição religiosa de Israel. Os apóstolos e os primeiros missionários da Igreja tiveram a mesma atitude de diálogo perante as diversas culturas religiosas presentes no mundo greco-romano.

3. *Num espírito ecuménico e missionário*

Desejando “*dar novo vigor a tudo aquilo que ajuda a chamar a todos para o seio da Igreja*”⁹⁵, a Igreja impele os cristãos a assumirem uma atitude de abertura às outras tradições religiosas, “*alegres por descobrir e prontos a respeitar aqueles germes do Verbo que aí se encontram escondidos*”⁹⁶. Além disso, encoraja a utilizar os costumes e as tradições, o saber e a cultura, as

92 Cf. AG, 11.

93 Cf. CONCÍLIO VATICANO II, *Dichiarazione sulla relazione della Chiesa con le religioni non cristiane* (28 outubro 1965) *Nostra aetate* (NA), 2.

94 Cf. AG, 19.

95 SC, 1.

96 Cf. AG, 11.

artes e as ciências das outras tradições religiosas, à condição de que não sejam incompatíveis com o Evangelho e a fé cristã, para dar glória ao Criador, e realçar a graça do Salvador⁹⁷.

Esta atitude de abertura e de partilha, longe de levar a fé cristã para um terreno traiçoeiro, motivará os cristãos a encontrar modos autênticos de viver e manifestar a sua fé cristã entre os fiéis de outras religiões. Ajudá-los-á a descobrir tantas riquezas da própria fé nunca antes consideradas. Este diálogo permitirá discernir, à luz da Palavra de Deus, como a fé em Cristo pode ser enriquecida por outras tradições religiosas e, ao mesmo tempo, dar-se conta de tudo aquilo que nestas religiões precisa de ser purificado antes de ser absorvido na prática cristã.

B. O primado do testemunho

No ambiente asiático multirreligioso, a missão evangelizadora deverá consistir, antes de mais, no testemunho prestado ao amor do Pai de modo simples e direto⁹⁸. Isto significa que, vivendo como Jesus, os cristãos e as suas comunidades são chamados a conduzir as irmãs e os irmãos não cristãos à fé no Deus revelado por Cristo. Normalmente, este testemunho realiza-se através de uma presença solidária capaz de assumir o cuidado de quantos vivem na pobreza e na miséria. Tudo isto para corresponder às necessidades das pessoas que, como Cristo ensinou no Evangelho, são mais importantes do que qualquer instituição ou estrutura. *“Esta atestação de Deus proporcionará, para muitos talvez, o Deus desconhecido, que eles adoram sem lhe dar um nome, ou que eles procuram por força de um apelo secreto do coração quando fazem a experiência da vacuidade de todos os ídolos. Mas ela é plenamente evangelizadora, ao manifestar que para o homem, o Criador já não é uma potência anónima e longínqua: ele é Pai... portanto, nós somos irmãos uns dos outros em Deus”*⁹⁹.

No meio de diferenças tão grandes e, muitas vezes, de conflitos de vários géneros, a Igreja, por sua própria natureza, não só é sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano, mas também testemunha de que Deus chama a todos os homens a conseguirem a plena unidade em Cristo¹⁰⁰. Pela sua fé e pelo seu empenhamento, os batizados tem um papel particular a jogar neste diálogo segundo as diversas modalidades – família, política, instrução, cultura, ambiente social – da sua presença no mundo. Como o fermento evangélico na massa, eles são chamados a dirigir o curso das vicissitudes humanas e da história rumo à plenitude escatológica para a qual tende todo o homem e toda a mulher.

C. Unidade e esperança cristã

O diálogo respeitoso e amoroso com as outras culturas religiosas tem sempre por objetivo partilhar o tesouro maior, isto é, o anúncio de Cristo. Esta é a forma ideal de evangelização com que, na humildade e recíproco apoio, procuramos partilhar a plenitude de Cristo, isto é, o projeto de Deus para toda a criação. A procura de Deus e de um vínculo fraterno, objetivo partilhado por todos os seres humanos, continuará a alimentar a esperança de que toda a humanidade será, um dia, reunida sob o sinal da paternidade do único Deus.

D. A Eucaristia no diálogo da Igreja com as outras religiões

97 *Ibidem*, 22.

98 Cf. EM, 26.

99 *Ibidem*.

100 Cf. LG, 1.

Família, reconciliação, partilha de vida, solidariedade, hospitalidade, serviço, amor pela natureza, silêncio e contemplação são alguns dos preciosos valores que os povos da Ásia partilham para além do seu credo religioso. Na celebração eucarística, estes valores estão presentes e são fortemente realçados. A nossa participação eucarística, além de tornar mais vivo o nosso desejo de garantir estes valores tão preciosos, impele-nos para ações concretas a fim de os realizar nos ambientes onde vivemos. Participando na Eucaristia cresce em nós a convicção de que o sonho de Deus consiste em reunir todos os seus filhos numa só família e que tudo isso se pode realizar acrescentando ao diálogo o anúncio sobre “os telhados”, ações eficazes de serviço que levem remédio aos efeitos opressivos do pecado para que todos usufruam, conforme ao projeto de Deus, da plena dignidade humana.

A Eucaristia, por um lado, tem por fim transformar *“os que estão na Igreja em templo santo do Senhor, em morada de Deus no Espírito, até à medida da plenitude de Cristo”*¹⁰¹. Por outro lado, fortalece maravilhosamente a opção de pregar a Cristo para que *“a Igreja se mostre aos que estão fora como sinal erguido entre as nações, para reunir à sua sombra os filhos de Deus dispersos, até que haja um só rebanho e um só pastor”*¹⁰².

101 SC, 2.

102 *Ibidem*.

VII. MISSÃO EM DIÁLOGO COM OS POBRES

A missão da Igreja na Ásia deve ser realizada em diálogo com os pobres. Isto porque, enquanto o continente é rico de cultura e os seus povos são ricos de valores humanos e religiosos, uma grande multidão de gente vive em situação de pobreza, marginalização e sofrimento. Uma parte considerável dos habitantes do continente, de facto -, não tem acesso ao necessário para viver com dignidade e garantir um futuro estável para si e para as suas famílias. Estruturas sociais, económicas e políticas injustas e opressivas, impedem de usufruir do rico património da terra.

A. A opção preferencial pelos pobres

Diante desta particular situação da Ásia, a Igreja sente-se chamada a ser a Igreja dos pobres. Ela dá o primeiro lugar na sua vida e na sua missão aos pobres, aos deserdados e aos oprimidos. Como no caso do diálogo com as culturas, o diálogo da Igreja com os pobres é um imperativo teológico e moral. Cristo, de facto, fez-se pobre e *“identificou-se com eles de modo especial”*¹⁰³: *“Em verdade vos digo: Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes”* (Mt 25, 40).

Esta opção é chamada preferencial não para excluir alguém mas para sublinhar que os pobres ocupam o primeiro lugar na consideração da Igreja, no seu ministério e no uso dos seus recursos. As Sagradas Escrituras, tanto do Antigo como do Novo Testamento, atestam mais ou menos vezes que os pobres têm um lugar privilegiado no coração de Deus e na vida e na missão de Cristo, eloquentemente testemunhada pelo Evangelho¹⁰⁴.

B. Implicações e consequências

Os Bispos asiáticos reconheceram já há muito tempo que a Igreja do continente deve tornar-se cada vez mais uma “Igreja dos pobres” com tudo o que isso implica¹⁰⁵. Isto significa, em primeiro lugar, que quantos são colocados como pastores do rebanho de Deus na Ásia devem levar uma vida simples para que os pobres percebam que os pastores partilham a sua condição. Com esta simplicidade de vida, que é um sinal luminoso do Evangelho em ação, os pobres sentirão a proximidade genuína e sincera dos seus pastores e recorrerão livremente à sua ajuda e à sua orientação.

Uma segunda implicação deste amor preferencial manifesta-se no empenhamento ativo da Igreja na libertação e na promoção dos pobres. Pondo-se ao serviço do desenvolvimento humano e da própria vida, empenhando-se numa importante obra de assistência sanitária, de instrução e pacificação, a Igreja recorda que este chamamento não é para poucos, mas para todos: *“Dai-lhes vós de comer”* (Mc 6, 37)¹⁰⁶. Isto também significa favorecer uma atitude de solidariedade entre todos para *“criar uma nova mentalidade que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns. A solidariedade é uma reação*

103 Cf. EA, 34. Cf. também EG, 12b.

104 EG, 187.

105 Cf. ASIAN BISHOPS' MEETING, *Message of the Conference* (Manila 1970), in FAPA I, p. 5.

106 Cf. EG, 188. Cf. CONGREGAZIONE PER LA DOTTRINA DELLA FEDE, *Libertatis Nuntius*, Instrução sobre alguns aspetos da Teologia da libertação (6 de agosto de 1984), 11.

*espontânea de quem reconhece a função social da propriedade e o destino universal dos bens como realidades anteriores à propriedade privada*¹⁰⁷.

Em terceiro lugar, a opção pelos pobres impele a Igreja a assumir uma posição profética contra as consequências negativas da globalização econômica e cultural; contra o peso de uma dívida externa insustentável que sobrecarrega particularmente a subsistência dos indigentes; contra os danos ambientais causados por um leviano progresso científico, econômico e tecnológico. Tantos programas “para o progresso” criam frequentemente danos para os mais indefesos e para as suas famílias e implicam questões humanas, culturais e éticas de que a Igreja e os cristãos devem estar conscientes. Também isto faz parte da “missão”.

C. Trabalhar por eles, caminhar com eles

A primeira assembleia da Federação das Conferências Episcopais asiáticas (1974) convidou as Igrejas particulares do continente a *“um esforço permanente para se tornar cada vez mais a Igreja dos “anawin” – pobres de JHWH -, uma Igreja que não se limita a trabalhar pelos pobres à maneira de uma instituição de bem-fazer, mas trabalha com os pobres, partilhando a sua vida e as suas aspirações, conhecendo-lhe as angústias e as esperanças, caminhando com eles na busca de uma autêntica vida humana em Cristo Jesus*¹⁰⁸.

Para trabalhar e caminhar com os pobres da Ásia a Igreja teve de, antes de mais, identificar-lhes a fisionomia e os lugares onde habitam e compreender o tipo de pobreza que os afligia. Eles eram representados pelas famílias sem lar que encham as estradas ou constroem refúgios temporários nos bairros de lata; pelos refugiados que fogem da guerra ou de regimes opressores; dos emigrantes e trabalhadores estrangeiros que deixam os seus países à procura de melhores oportunidades e se encontram frequentemente sós, culturalmente desintegrados, linguisticamente limitados e economicamente vulneráveis. Pobres, também, são os povos indígenas e tribais discriminados por causa da sua cultura, cor, casta, situação econômica ou modo de pensar. São as mulheres vítimas da violência doméstica ou consideradas como mercadoria pelo negócio da prostituição, do turismo e das diversões. São as crianças que jamais experimentaram a paz na sua terra e que são vítimas de diversas formas de exploração e de violência, como a pedofilia e o trabalho infantil¹⁰⁹. Pobres, finalmente, são também aqueles que não puderam realizar-se por falta de instrução e de trabalho.

A Igreja deve trabalhar não só para eles (por exemplo, distribuindo géneros de ajuda depois da passagem de um tufão ou de um terramoto) mas também com eles, envolvendo-os na tarefa de transformar as estruturas que perpetuam o seu estado de pobreza. Tudo isto exige também o esforço de realizar a justiça nas nossas sociedades por meio de um empenhamento concreto alimentado pela oração e pelo conhecimento dos processos sociais de modo que cada ação manifeste – sem ingerências ideológicas – a intervenção de Deus que liberta o seu povo.

D. A Eucaristia no diálogo da Igreja com os pobres

Neste quadro é preciso considerar que a Eucaristia reafirma, antes de mais, os valores que combatem as causas da pobreza. Nela o egoísmo e a ganância que são as raízes de tantas formas de injustiça encontram-se com o amor oblativo de Cristo. Chamados por Cristo a formar uma só família em que Deus é “Pai nosso”, somos levados a combater a apatia e o individualismo que tornam indiferentes ao sofrimento do pobre e daquele que sofre. Diante da atitude de quantos,

107 EG, 188-189.

108 FABC, *Evangelization in Modern Day Asia. Statement of the First Plenary Assembly*, in FAPA I, p. 15.

109 EA, 34.

chamados a governar os outros, se preocupam mais com as vantagens políticas e económicas do que com as pessoas, está o exemplo de Jesus, o Mestre e Senhor que lava os pés aos seus discípulos (cf. Jo 13, 13). Sobretudo, a Eucaristia combate o utilitarismo, o consumismo e o materialismo que transformam os mais fracos em mercadoria e instrumentos a utilizar em vista do lucro e do prazer. Com o dom de si mesmo, Cristo parte e reparte a sua vida para que outros possam viver. Atualizando *“sacramentalmente o dom que Jesus fez da sua vida na Cruz por nós e por todo o mundo”*¹¹⁰, a celebração eucarística envia-nos ao mundo para ser testemunhas da compaixão de Deus por cada um dos irmãos e irmãs.

Mais ainda, na Eucaristia nós acolhemos a Cristo como *“pão da vida”* (Jo 6, 35) porque ao mesmo tempo Ele é a Palavra saída da boca de Deus (cf. Dt 8, 3) e o *“pão vivo, descido do céu”* (Jo 6, 51). Ele é o *“pão de cada dia”* que pedimos no *“Pai nosso”*. Comungando deste pão dos pobres na proclamação da Palavra e na Sagrada Comunhão, podemos, por nosso lado, oferecer vida em abundância tornando-nos alimento para os irmãos e irmãs que têm fome, pão de compaixão e de amor para os carenciados por meio das obras de misericórdia¹¹¹.

110 SAC, 88.

111 Veja acima o Terceiro Capítulo, parágrafo B, *A Eucaristia e a Missão*, nn. 3-5.

VIII. MISSÃO EM DIÁLOGO COM OS JOVENS

A Ásia é considerada o continente dos jovens, não só porque dois terços dos seus habitantes são jovens, mas também porque nela habitam cerca de 60 por cento dos jovens de todo o mundo. E, além disso, são em grande parte pobres. Tudo isto explica porque é que o diálogo com os jovens é uma prioridade da missão da Igreja na Ásia.

A. Os jovens são o presente e o futuro da Igreja

Para a Igreja, os jovens não são apenas o futuro do mundo mas, já hoje, são o seu precioso tesouro¹¹²; não são apenas os adultos do amanhã, mas uma realidade do tempo presente. A Igreja assume a responsabilidade de preparar e formar os jovens para as suas tarefas futuras e para uma inserção significativa nos diversos âmbitos da vida. Cheios de energia, entusiasmo e iniciativa, eles são os agentes dinâmicos da mudança e, por isso, fonte de esperança para a sociedade e para a Igreja.

Os jovens, todavia, são também as pessoas mais frágeis diante das forças destrutivas presentes na sociedade e frequentemente tornam-se vítimas de estruturas de exploração. Muitas e várias são, hoje, as realidades que têm forte impacto sobre os nossos jovens. A globalização, as mudanças políticas e a enorme difusão dos *media* influenciam radicalmente a vida dos jovens em toda a parte da Ásia¹¹³. Jovens de origem urbana ou rural, pobres ou ricos, instruídos ou ignorantes, ocupados ou desocupados, organizados ou não, são todos batidos pelas ondas da cultura atual. Mas os jovens também formam a Igreja de hoje que não só os considera uma das suas prioridades pastorais mas deseja compromete-los num serviço criativo e fecundo sobretudo no meio dos seus companheiros e amigos.

B. Um terreno bom

As Igrejas locais, enquanto admitem muito honestamente que são muitos e complexos os problemas dos jovens da Ásia, chamam-nos *“às suas responsabilidades em relação ao futuro da sociedade e da Igreja, encorajando-os e apoiando-os a cada passo para que sejam capazes de aceitar esta responsabilidade”*¹¹⁴. Eles deviam tornar-se objeto de uma atenção pastoral adequada, capaz de semear neles *“a verdade do Evangelho como um mistério gozoso e libertador a conhecer, viver e partilhar com os outros com convicção e coragem”*¹¹⁵. Mas porque o mundo em que os jovens vivem é como um terreno pedregoso e cheio de espinhos, a pastoral juvenil deve ajudá-los, em primeiro lugar, a tornar-se *“terra boa”*, onde a semente da Palavra de Deus pode germinar, lançar raízes e produzir cem por um (cf. Mt 13, 1-8).

Tudo isto significa acompanhar os jovens num caminho que não é certamente fácil por causa das rápidas e drásticas mudanças que ocorrem à sua volta, e daquelas igualmente dramáticas que eles enfrentam no seu desenvolvimento físico, emotivo, psicológico e espiritual. Trata-se de preparar a terra antes da sementeira para a tornar acolhedora e libertá-la de tantas distrações que podem

112 FABC, *Youth, Hope of Asian Families. Statement of the 4th Asian Youth Day (30 July-5 August, Hog Kong)*, in FAPA IV, p. 167.

113 FABC, *A renewed Church in Asia: A Mission of Love and Service*, in FAPA III, pp. 9-10.

114 EA, 47.

115 *Ibidem*.

sufocar o crescimento inicial da fé. Este aspeto do cuidado pastoral é necessário, antes ou contemporaneamente à sementeira da Palavra de Deus, para que os jovens possam transformar-se na terra boa onde a semente da Palavra de Deus possa produzir frutos abundantes.

C. A formação dos jovens

1. A missão educativa da Igreja na Ásia

Embora nas grandes diferenças que caracterizam o contexto concreto da Ásia, a educação cristã deve oferecer aos jovens a capacidade de dialogar de modo significativo com os jovens de outras fés. Tal educação, mais ou menos formal, deve levar a um melhor conhecimento das verdades fundamentais e dos valores da fé cristã antes e, depois, também das outras religiões. Todavia, porque a maioria destes jovens não pode permitir-se uma instrução escolar devido à sua pobreza, as Igrejas do continente devem procurar outros modos criativos para lhes oferecer uma formação cristã, sobretudo por meio de um itinerário catequético¹¹⁶ que ilumine e fortaleça a fé, alimente a vida segundo o espírito de Cristo, conduza a uma participação ativa e consciente nas celebrações litúrgicas¹¹⁷, e ofereça motivações para o compromisso apostólico. Neste trabalho prioritário poder-se-ão usar os meios de comunicação social, para além da ajuda dos diversos grupos e associações juvenis.

2. O caminho com os jovens

Também neste caso, a formação dos jovens no contexto da missão da Igreja, passa pelo caminho comum na procura da paz e do sentido para a vida, pelo esforço em garantir um futuro mais estável, pela luta contra as falsas seduções das ideologias, das modas, dos vícios e, não em último lugar, pela luta contra o desespero. Os grandes sucessos alcançados pelas “Jornadas Mundiais da Juventude” iniciadas por S. João Paulo II em 1985, têm sido também experimentados nas “Jornadas da Juventude Asiática” onde jovens provenientes de diversos países do continente podem experimentar um forte sentido de pertença na oração comum, nas celebrações eucarísticas, na partilha das refeições e da vida, no trabalho comum, na alegria da festa. Nesses eventos, os jovens sentem que a Igreja caminha de mãos dadas com eles, acredita no que eles fazem, renova as suas forças e fortalece a sua boa vontade.

Caminhar com os jovens significa reconhecer o papel importante que desempenham na Igreja e que, ainda mais, terão no futuro¹¹⁸. Os jovens são uma reserva e não um problema. Por isso, é preciso ouvi-los e acompanhá-los com uma presença orante que oferece orientações; facilitar-lhes a aprendizagem com a partilha de experiências, mais do que por meio de respostas pré confeccionadas; envolvê-los mais nos processos de decisão e não limitar-se a pedir que ponham em prática as decisões dos outros. Isso exige também que cada paróquia e diocese tenha uma Comissão de jovens que orienta e regula as atividades eclesiais em favor dos jovens. Só quando os jovens forem reconhecidos como operadores e colaboradores da missão evangelizadora da Igreja, poderão realizar todas as suas potencialidades.

D. Operadores e colaboradores

116 Cf. CONCÍLIO VATICANO II, *Christus Dominus* (CD), Decreto sobre a missão pastoral dos Bispos na Igreja, 13-14.

117 Cf. SC, 14.

118 FABC, *A Renewed Church in Asia: A Mission of Love and Service*, in FAPA III

Os jovens não são apenas objeto do cuidado pastoral da Igreja. Muitos deles, no compromisso missionário das comunidades cristãs, são sujeitos que trabalham na primeira linha em várias obras apostólicas de caridade e de serviço sobretudo em favor dos seus coetâneos. Com o seu entusiasmo e a sua energia podem encarregar-se, desde já, de tarefas de direção ativa na programação e na execução das atividades que lhes dizem respeito.

Neste nosso tempo assiste-se ao nascimento e ao crescimento de associações e movimentos juvenis. Eles manifestam a obra do Espírito Santo, que rasga novos caminhos para satisfazer as expectativas dos jovens, a sua profunda procura de espiritualidade, o sentido de pertença. É preciso, todavia, que estas associações participem ativamente dos esforços missionários da Igreja¹¹⁹.

E. A Eucaristia no diálogo da Igreja com os jovens

1. A Eucaristia: um diálogo de amor

A missão da Igreja exerce-se também orientando os jovens para a Eucaristia para que sejam apoiados no seu caminho e encontrem respostas às suas necessidades. É, de facto, na assembleia eucarística que a Igreja pode melhor dialogar com os jovens anunciando-lhes o Evangelho de Cristo em que encontram as respostas fundamentais para as suas aspirações mais profundas¹²⁰. No seu encontro eucarístico com Cristo por meio da mesa da Palavra e do Pão eles encontram luz e guia para procurar o objetivo da vida. Na Eucaristia, Jesus olha para os jovens com aquele particular amor que mostrou para com o jovem do Evangelho e convida-os a segui-lo (cf. Mc 10, 21) partilhando o seu amor filial pelo Pai e participando na sua missão de salvação da humanidade.

2. A Eucaristia: escola fundamental dos valores cristãos

Por meio de um envolvimento ativo na participação na Eucaristia – uma escuta atenta, gestos apropriados, oportunos momentos de silêncio, a assunção de ministérios específicos na celebração – a juventude pode ser mais bem formada para se encarregar de um papel ativo na Igreja e na sociedade, já desde agora, e não só no futuro. Na celebração eucarística, a Igreja tem muito de que dialogar com os jovens e eles têm muitas coisas a dizer à Igreja¹²¹. À volta da mesa da Palavra e do Corpo de Cristo, a Igreja oferece instrução e alimento¹²² com que os jovens podem ser preparados para se tornarem a terra boa onde a semente da Palavra de Deus pode produzir fruto. A Eucaristia é a escola ideal em que os jovens podem aprender os valores que constroem relações e comunidades, um sentido de gratidão e de responsabilidade para com a criação, uma disponibilidade para o serviço e para o sacrifício a fim de oferecer vida e plenitude aos outros.

3. A Eucaristia como comunicação

Considerando a especial importância que os jovens dão aos meios de comunicação social e a habilidade em utilizá-los, a Igreja poderá apresentar a Eucaristia como a mais elevada e ideal encarnação da comunicação onde a amizade é estabelecida e promovida; onde se partilham

119 Cf. EG, 105.

120 Cf. JOÃO PAULO II, Exortação pós-sinodal *Christifidelis Laici* (CL) sobre a vocação e a missão dos leigos na Igreja e no mundo (30 de Novembro de 1988), 46.

121 *Ibidem*.

122 Cf. *Ordinamento generale del Messale Romano*, Terza edizione tipica (20 aprile 2000), 28.

esperanças, sonhos, alegrias, anseios; onde as causas nobres são também defendidas. Na escola da Eucaristia, os jovens aprenderão que a comunicação não se limita apenas à troca de ideias e de emoções, mas, a nível mais profundo, consiste no dom de si no amor¹²³. A Igreja jamais se há de cansar de dizer à juventude que Cristo instituiu a Eucaristia como “*a mais elevada forma de comunhão que pudesse ser participada pelos homens*” que conduz à “*mais íntima e perfeita forma de união entre os próprios homens*”¹²⁴.

A Eucaristia é o lugar onde se realiza a mais profunda e transformadora forma de comunicação: em resposta à oração de invocação do Pai por meio do seu Filho amado envia o Espírito Santo de tal modo que o pão e o vinho, com toda a assembleia, se tornem o Corpo de Cristo.

123 Cf. PONTIFÍCIA COMISSÃO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, Instrução Pastoral sobre os instrumentos da comunicação social (23 de maio de 1971) *Communio et progressio*, 11.

124 *Ibidem*.

IX. A VIRGEM MARIA E A EUCARISTIA NA MISSÃO DA IGREJA

Ao aproximar-nos do fim da nossa reflexão sobre a Eucaristia e a missão da Igreja, dirigimo-nos à Bem-aventurada Virgem Maria, que viveu plenamente o mistério eucarístico e se tornou o exemplo perfeito da Igreja missionária.

A. Maria, exemplo e mãe da Igreja missionária

*“Os cristãos da Ásia têm grande amor e devoção a Maria e veneram-na como sua Mãe e Mãe de Cristo”*¹²⁵. Assim escrevia S. João Paulo II baseando-se na declaração feita pelos Padres sinodais durante a Assembleia Especial do Sínodo para a Ásia em 1998. O hino do Congresso Eucarístico Internacional, realizado em Manila em 1937, contém uma frase que fala do amor especial que o povo filipino sempre teve pela Virgem: *“Povo amigo de Maria”*. Tudo isto, de uma parte manifesta o especial amor e afeto que os habitantes deste País e deste continente têm para com a Mãe do Salvador que invocam também como sua Mãe. Por outro, mostra o sentido da presença da Bem-aventurada Virgem no caminho missionário da Igreja na Ásia. Maria é o modelo da Igreja na sua missão de evangelização porque colaborou intimamente na obra salvífica do seu Filho¹²⁶ e porque exemplifica o caminho missionário que a Igreja iniciou.

Primeira destinatária da Boa Nova na anunciação, Maria de Nazaré proclamou a mesma Boa Nova na visita a Isabel e, depois, ao mundo inteiro no nascimento do seu Filho. Do mesmo modo a Igreja, antes de se tornar uma comunidade evangelizadora, é chamada a deixar-se evangelizar¹²⁷. Aos pés da cruz, Cristo confiou a Igreja e a sua missão aos cuidados de sua mãe: *“Mulher, eis o teu filho!”* (Jo 19, 26-27). No Calvário, Maria tornou-se *“a Mãe da Igreja evangelizadora e sem ela não podemos compreender plenamente o espírito da nova evangelização”*¹²⁸.

1. Maria foi a primeira a ser evangelizada

Maria ouviu a palavra de Deus no “primeiro evangelho” anunciado pelo arcanjo Gabriel. O seu *“Fiat”*, o seu definitivo *“Sim”* ao chamamento de Deus, foi a abertura total de si mesma à vontade do Pai. Foi um ato de total obediência e de confiança porque confiou a sua vida ao desígnio do Altíssimo. Pelo poder do Espírito Santo, concebeu o Filho de Deus feito homem que assumiu carne humana no seu seio. Ofereceu a Deus a sua humanidade e, assim, na fé, uniu-se totalmente à missão salvífica do Filho na história dos homens.

Tudo o que viveu depois – a visita a Isabel, a revelação a José acerca do filho esperado, o nascimento de Jesus em Belém, a apresentação ao templo e a profecia de Simeão, a vinda dos Magos, a fuga da sagrada família para o Egito, a perda e o reencontro de Jesus no templo, a sua incapacidade para compreender tudo o que estava a acontecer e a meditação dos eventos e das palavras no seu coração – realizou a missão evangelizadora. Por meio de todos estes acontecimentos foi modelada a sua fé, o seu discipulado e, sobretudo, aquela maternidade espiritual a que estava destinada.

125 EA, 51.

126 Cf. SC, 103.

127 EN, 15.

128 EG, 284.

2. Maria, a evangelizadora

Para ir ao encontro da prima Isabel Maria levou o menino no seu seio para a região montanhosa de Judá. No encontro com a Filha de Sião, Isabel, que estava já no sexto mês, sentiu João saltar de alegria no seu seio e, cheia de Espírito Santo, exclamou "*Feliz de ti que acreditaste*" (Lc 1, 45). E Maria, a partir do tesouro das Escrituras que meditava no seu coração, respondeu: "*A minha alma glorifica o Senhor...*", proclamando a boa nova da encarnação como um Evangelho para a humanidade.

No tempo fixado, Maria deu à luz o Filho do eterno Pai. Mostrou-o aos pastores e aos magos, pô-lo nos braços do velho Simeão de quem soube que Deus tinha cumprido as promessas. O seu pedido aos servos facilitou o primeiro dos sinais realizados por Jesus nas bodas de Caná. Desde então, as mesmas palavras "*Fazei o que Ele vos disser*" (Jo 2, 5), são dirigidas a todos os homens.

Durante a vida pública de Jesus, conservou as palavras do Filho meditando-as no seu coração, para depois as partilhar com a Igreja nascente. Mãe dos Apóstolos, estava no meio deles quando o Espírito desceu como fogo ardente no dia do Pentecostes e a Igreja começou a proclamar a Boa Nova a todos os povos que estavam sob o céu. Desde então, e até ao fim dos tempos, ela está presente na Igreja que evangeliza e está em cada uma das comunidades cristãs que se faz missionária.

B. Maria no diálogo missionário da Igreja

1. Nas diversas culturas da Ásia

Na missão da Igreja entre as diversas culturas da Ásia, Maria é modelo daquele autêntico testemunho cristão que é o modo mais convincente de pregar o Evangelho e o Reino de Deus¹²⁹. Trata-se do testemunho que brota da comunhão íntima e indissolúvel com Deus que impele uma pessoa a correr apressadamente para ajudar um vizinho em dificuldade¹³⁰. A narrativa evangélica da visita de Maria à prima Isabel para ajudá-la na fase mais difícil da gravidez e da sua intercessão nas bodas de Caná, mostra bem este zelo missionário que a Igreja deveria ter.

Da Bem-aventurada Virgem Maria a Igreja aprende que é sobretudo pela sua vida e ação – preocupação com as pessoas, caridade para com os miseráveis, escolha da pobreza e do desapego, liberdade diante dos poderes deste mundo, testemunho de santidade – que ela poderá evangelizar o mundo¹³¹. A Igreja vê em Maria aquela força de testemunho pela qual os "*cristãos fazem surgir no coração daqueles que os veem viver, perguntas irresistíveis*"¹³².

2. Com outras tradições religiosas

A pessoa e o papel de Maria são um ponto de convergência também para os seguidores de outras fés, porque nela resplandece o valor universal da maternidade que transcende as culturas e as religiões.

129 EA, 42; JOÃO PAULO II, Carta Encíclica sobre a permanente validade do mandato missionário (7 de dezembro de 1990) *Redemptoris Missio* (RM), 42.

130 Cf. EN, 41.

131 Cf. EM, 41; RM, 42.

132 EM, 21

Não surpreende, portanto, que “em todo o Continente existam centenas de templos e santuários marianos onde se reúnem não só os fiéis católicos, mas também os crentes de outras religiões”¹³³. Antes de ser Mãe do Salvador e Mãe da Igreja, Maria é a primeira filha de Adão¹³⁴ que partilha a mesma comum dignidade de todos os membros da família humana. Os fiéis de outras religiões não têm dificuldade em ver nela um modelo da fé. Pela pessoa de Maria, a Igreja pode entrar em diálogo fecundo com o Islão, uma das religiões mais seguidas na Ásia, porque os muçulmanos a honram e, às vezes, a invocam com devoção¹³⁵.

O testemunho, que é a primeira e principal componente do diálogo da Igreja com os fiéis de outras religiões, encontra um modelo inspirador na vida e na missão de Maria. A sua vida de serviço silencioso, e a sua fiel cooperação no projeto salvífico de Deus, marcam o caminho da Igreja que se torna missionária no meio de outras tradições religiosas.

3. Com os pobres

Maria incarna o amor preferencial de Deus e da Igreja pelos pobres. Ela é a mulher do real serviço capaz de elevar os pobres e carenciados; um exemplo para nós para que corramos apressadamente para onde há necessidade de nós, e anunciemos o Evangelho de Deus que liberta da opressão e consola em tempos de aflição¹³⁶. Em Maria, a Igreja em missão encontra uma mãe que convida ao empenhamento concreto em obras de serviço e de compaixão capazes de elevar a condição dos pobres; a apoiar a causa da justiça para quantos não têm meios para obtê-la; a ajudar a construção de uma sociedade onde todos, também os mais indigentes, possam gozar de uma vida verdadeiramente humana. O pobre encontra em Maria o coração de uma mãe que vai ao encontro de todos mas especialmente dos mais pequenos entre os seus filhos, de quantos precisam dela.

Tal amor preferencial pelos pobres é admiravelmente revelado no *Magnificat*¹³⁷ onde Maria louva o Senhor porque olhou para a humildade da sua serva favorecendo-a entre todas as mulheres e gerações humanas; porque apoiou a causa dos pobres e dos deserdados ao logo da história, dispersou os soberbos de coração, derrubou os poderosos dos seus tronos, exaltou os humildes, encheu de bens os famintos e mandou os ricos de mãos vazias (cf. Lc 1, 51-53).

4. Com os jovens

À Bem-aventurada Virgem, a Igreja confia as jovens gerações deste continente como Cristo confiou o jovem discípulo à sua Mãe junto à Cruz: “Mulher, eis o teu filho!” (Jo 19, 26). Aos adolescentes e aos jovens de hoje que crescem “em sabedoria, idade e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2, 52) indo à procura de si mesmos e da sua particular vocação na Igreja e no mundo, a Igreja aponta Maria como mãe fazendo eco das palavras de Jesus na cruz: “Filho, eis a tua Mãe!” (Jo 19, 27). E aos jovens, embora levando consigo a esperança do mundo, estão “carregados de inquietações, de desilusões, de angústias e medos do mundo, além das tentações próprias do seu estado”¹³⁸, a Igreja oferece a imagem de Maria, que acompanhou o seu Filho até ao seu trágico fim na cruz. Nela, encontrarão seguramente uma mãe que toma cuidado deles, os alimenta e guia

133 EA, 51.

134 Cf. PAULO VI, *Alocução na conclusão da terceira sessão do Concílio Vaticano II na festa da Apresentação de Maria Santíssima ao templo* (21 de novembro de 1964), 34.

135 Cf. NA, 3.

136 Cf. SÍNODO DOS BISPOS DE 1971, *A justiça no mundo*, Introdução, 4.

137 Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica sobre a Bem-aventurada Virgem Maria na vida da Igreja em caminho (25 de março de 1987) *Redemptoris Mater* (RMA), 37.

138 CL, 46.

como fez com Jesus. Com ela, a Igreja orienta a juventude para Cristo que é o caminho, a verdade e a vida: “Fazei o que Ele vos disser” (Jo 2, 5).

C. Maria e a Eucaristia na missão da Igreja

Pela sua especial relação com a Eucaristia, Maria leva-nos a este sacramento para encontrarmos nele e fonte e o cume da missão evangelizadora da Igreja. Como no seu seio virginal, o Filho de Deus assumiu a natureza humana tornando-se o sacramento do amor do Pai, assim na Eucaristia Cristo continua a ser sacramento do Pai pela ação sacramental da Igreja que se realiza na pessoa daquele que preside, na proclamação da Palavra, na assembleia que reza e canta, mas sobretudo no sinal do pão e do vinho¹³⁹. “Aquele corpo dado em sacrifício e representado nos sinais sacramentais era o mesmo corpo concebido no seu seio”¹⁴⁰. Enquanto está intimamente associada ao seu Filho que se entrega na cruz como “pão da vida” e “pão vivo” para a vida do mundo, cumpre-se a profecia do velho Simeão segundo a qual uma espada lhe atravessaria o coração (cf. LC 2, 34-35).

1. Na escola de Maria

A Igreja pode aprender na escola de Maria, “mulher eucarística”, a necessária disposição interior para celebrar frutuosa e viver os mistérios da redenção¹⁴¹: uma presença atenta, contemplativa e ativa, uma generosa solicitude por toda a humanidade e a abertura para a realização escatológica de todas as esperanças humanas. Maria é o exemplo do culto eucarístico que procura concretizar-se em obras de amor e de serviço e que abre os fiéis à esperança escatológica.

Para os cristãos que se reúnem para celebrar a liturgia, Maria é modelo na escuta da Palavra e em guardá-la no coração; em louvar e dar graças a Deus que fez grandes coisas por cada um de nós e por todos; em alimentar a vida de graça recebida por meio dos sacramentos; na oferta de si mesmo em união com a oferta feita por Cristo ao Pai; na invocação da vinda do Senhor esperando-o diligentemente¹⁴².

2. “Fazei o que Ele vos disser!”

Com estas palavras, Maria convida permanentemente a Igreja a escutar o pedido do seu Filho para fazer o que Ele fez durante a Última Ceia e no Calvário “em sua memória”. Mas convida também a Igreja a viver este sublime mistério por meio de um silencioso mas ativo empenhamento missionário. A Virgem Maria – perseverante na oração com os Apóstolos enquanto esperavam a vinda do Espírito Santo (cf. At 1, 14) e solidária com a primeira geração de cristãos que “partiam o pão” nas suas casas (cf. At 2, 42)- continua a estar presente, com a Igreja e como Mãe da Igreja,

139 Cf. SC, 7.

140 JOÃO PAULO II, Carta Encíclica sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja (17 de abril de 2003) *Ecclesia de Eucharistia* (EDE), 56.

141 *Ibidem*, 53.

142 Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, *Orientações e propostas para a celebração do Ano Mariano*, LEV, Cidade do Vaticano 1987.

em cada uma das nossas celebrações eucarísticas¹⁴³. A Igreja, portanto, não cessa de pedir a sua intercessão (no *Confiteor*) e de honrá-la na Oração eucarística, porque “*sendo a Eucaristia a mais sublime celebração dos mistérios da salvação realizada por Deus por meio de Cristo no Espírito Santo, deve necessariamente recordar a Santa Mãe do Salvador indissoluvelmente ligada a estas mistérios*”¹⁴⁴.

Finalmente, com Maria, a Igreja celebra a Eucaristia como o seu *Magnificat*, recordando as maravilhas realizadas por Deus na história da salvação em cumprimento da promessa feita aos pais, proclamando os extraordinários mistérios da encarnação redentora de Cristo, da sua morte e ressurreição, aguardando a esperança da glória que há de vir¹⁴⁵.

143 Cf. EDE, 57.

144 CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, *Orientações...*, cit., 19. Cf. SC, 103; LG, 53 e 57.

145 Cf. EDE, 58.

X. “SPES GLORIAE”

Ao terminar o nosso percurso, retomamos as palavras do Apóstolo: *“Cristo entre vós, a esperança da glória”* para descobrir como, a Eucaristia manifesta, no tempo e na história, a glória de Deus, enquanto esperamos a vinda do Senhor.

A. A Eucaristia e a glória de Deus

A aclamação da assembleia eucarística, depois da consagração, é oportunamente concluída com a manifestação da projeção escatológica que marca a participação na mesa do Senhor (cf. 1 Cor 11, 26): anunciamos a morte e a ressurreição de Cristo *“enquanto esperamos a sua vinda”*. A Eucaristia é tensão para a meta, antegozo da alegria plena prometida por Cristo (cf. Jo 15, 11); em certo sentido, ela é antecipação do Reino final *“penhor da futura glória”*¹⁴⁶. Na confiante espera da *“vinda gloriosa de Jesus Cristo nosso Salvador”*¹⁴⁷.

A Eucaristia, que é simultaneamente semente e conclusão da missão, manifesta a experiência da glória de Deus que se encontra no centro do mistério pascal de Cristo, na sua paixão e morte, na sua ressurreição gloriosa. É na cruz que se nos revela a verdadeira glória de Deus porque nela o Pai mostra, no Filho oferecido, o seu rosto de misericórdia e o seu amor que entra no pecado e na morte, para salvar as suas criaturas e a sua criação.

Assim se revela que *“Cristo entre vós, a esperança da glória”* não é outra coisa senão o projeto salvífico de Deus realizado no mistério pascal de Jesus, um desígnio tornado desde já presente na história, mas que se cumprirá quando Cristo entregar o Reino ao Pai.

De domingo em domingo, reunidos em nome do Senhor, celebramos assim, em cada Eucaristia, a glória de Deus. Aquele Jesus que foi crucificado, encontramos-lo agora ressuscitado, vivo, a erguer-se diante do mundo que o crucificou. A morte foi engolida pelo amor e a nossa ressurreição manifesta-se em procurar amar como Jesus amou. *“Gloria Dei vivens homo; vita autem hominis visio Dei. A glória de Deus é o homem vivo, e a vida do homem é a visão de Deus”*¹⁴⁸.

B. O banquete messiânico

O sentido da glória futura do Reino que há de vir foi manifestado pelo profeta Isaías com a imagem da peregrinação escatológica dos povos ao monte santo de Deus onde a missão se conclui com o grande banquete messiânico preparado para todos os povos e nações: *“No monte Sião, o Senhor do universo prepara para todos os povos um banquete de carnes gordas, acompanhadas de vinhos velhos, carnes gordas e saborosas, vinhos velhos e bem tratados. Neste monte, Ele arrancará o véu de luto que cobre todos os povos, o pano que encobre todas as nações. Aniquilará a morte para sempre. O Senhor Deus enxugará as lágrimas de todas as faces, e eliminará o opróbrio que pesa sobre o seu povo, sobre toda a nação. Foi o Senhor quem o proclamou.”* (Is 25, 6-8).

A Eucaristia, profecia deste banquete final, aparece verdadeiramente como *“o sacramento da missão realizada”*, onde se alimenta o desejo comum da humanidade: a comunhão com Deus, quando ele for tudo em todos, e a fraternidade universal.

146 *Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo*, antífona do *Magnificat* das II Vésperas.

147 *Missal Romano*, Eembolismo depois do Pai nosso.

148 IRENEU DE LIÃO, *Adversus haereses*, 4, 20,7 in *Sources Chrétiennes* 100/2, p. 648.

“Ali, sobre o monte santo, hão de reunir-se todas as nações para celebrar a festa definitiva do Senhor. Contemplarão o rosto de Deus, tornar-se-ão o seu povo e hão de louvá-lo com lábios puros: “Grande sois vós e realizais maravilhas: só vós sois Deus” (Sl 86, 10). E a todos os povos do mundo Deus responderá com uma bênção incrível que supera todos os limites: “Bendito seja o Egípto, meu povo, a Assíria, obra das minhas mãos, e Israel, minha herança”¹⁴⁹.

A tensão escatológica presente na Eucaristia encoraja a nossa caminhada histórica, pondo uma semente de viva esperança na quotidiana dedicação de cada um nos seus trabalhos. Enquanto erguem o olhar para os “*novos céus*” e a “*terra nova*” (cf. Ap 21, 1), os cristãos estimulam o seu sentido de responsabilidade em relação ao mundo presente, empenhando-se em não descurar os seus deveres de cidadania terrena. Neste momento histórico, com efeito, contribuem, com a luz do Evangelho, para a edificação de um mundo à medida do homem e plenamente em correspondência com o projeto de Deus. De qualquer modo, a celebração do Congresso Eucarístico Internacional prefigura a mesa definitiva do fim dos tempos para a qual são convidados todos os povos.

C. O amor de Deus abraça a humanidade

Voltemos à Eucaristia, sacramento da presença de Jesus Cristo. Nela o Senhor abraça todos os povos e realiza, ainda que não já totalmente, a unidade de toda a criação. A missão é, na sua essência, a espera operosa do grande banquete messiânico no fim dos tempos. Este movimento tem início em cada assembleia eucarística reunida à volta da mesa do Corpo e do Sangue do Senhor.

Anunciar a morte do Senhor “*até que ele volte*” (1 Cor 11, 26) comporta, para quantos participam na Eucaristia o compromisso de transformar a vida, para que ela se torne toda “*eucarística*”. Esta mesma transfiguração da existência, unida ao compromisso pela transformação evangélica do mundo, manifesta a tensão escatológica da celebração eucarística e de toda a vida cristã: “*Vem, Senhor Jesus!*” (Ap 22, 20).

Muitas são as urgências que se alinham no horizonte do nosso tempo: a paz, a justiça e a solidariedade nas relações entre os povos, a defesa da vida humana. E muitas são as contradições que obscurecem o céu do nosso mundo “*globalizado*”, onde os mais fracos, os mais pequenos e os mais pobres têm muito pouco a esperar. Aqui e agora, deve resplandecer a esperança cristã! Também para isso o Senhor quis ficar conosco na Eucaristia, inscrevendo nesta sua presença a promessa de uma humanidade renovada pelo seu amor. Significativamente, no Evangelho de S. João, durante a última ceia Jesus faz-se mestre de comunhão e de serviço (cf. Jo 13, 1-20). O apóstolo Paulo, por sua parte, qualifica de “*indigno*” de uma comunidade cristã participar na Ceia do Senhor, quando tal aconteça em clima de divisão e de indiferença para com os pobres (cf. 1 Cor 11, 17ss.)¹⁵⁰.

Na Eucaristia, a diversidade de culturas – diversidade de línguas, de história e de tradições – é acolhida como expressão da riqueza humana, da variedade infinita dos recursos e dos dons da humanidade. Estas diversidades não obstaculizam a comunhão mas enriquecem-na e completam-na. “*As nações caminharão à tua luz, e os reis ao esplendor da tua aurora. Levanta os olhos e vê à tua volta: todos esses se reuniram para vir ao teu encontro. Os teus filhos chegam de longe, e as tuas filhas são transportadas nos braços. Quando vires isto, ficarás radiante de alegria; o teu coração palpitará e se dilatará, porque para ti afluirão as riquezas do mar, e a ti virão os tesouros das nações*” (Is 60, 3ss.).

149 JAME CARDINAL L. SIN, *The Eucharist: Summons and Stimulus, Call and Challenge to Evangelization*, in *Christ, Light of Nations, 45th International Eucharistic Congress*, Città del Vaticano 1994, p. 764.

150 Cf. EDE, 20.

Os “tesouros das nações” não são outra coisa senão a variedade das culturas e das experiências religiosas, tudo quanto os povos criaram com a sua inteligência e as suas mãos, os tesouros da sua sabedoria e das suas tradições seculares, os modos diferentes e concretos de ser humanos.

Enquanto se prepara o banquete messiânico, em que a comunhão superará toda a fronteira humana, já desde agora, na assembleia eucarística, as diferenças culturais, éticas, económicas, políticas e sociais são transformadas pelo Espírito numa ação de graças que orienta para a nova civilização.

Em cada Missa, Deus pronuncia a sua bênção sobre todas as raças e nações com palavras proféticas que iluminam o nosso caminho: “*Bendito seja o Egipto, meu povo, a Assíria, obra das minhas mãos, e Israel, minha herança*” (Is 19, 25)... Bendita seja a Rússia, a Somália, a Bolívia, a China, obra das minhas mãos, e benditas sejam as Filipinas, minha herança... Ámen. Ámen”¹⁵¹.

151 JAME CARDINAL L. SIN, *The Eucharist...*, cit., p. 766.

ORAÇÃO PELO 51º CONGRESSO EUCARÍSTICO INTERNACIONAL

Senhor Jesus Cristo, esperança da glória,
realização do projeto do Pai
para salvar toda a humanidade,
mistério escondido ao longo dos séculos e gerações,
agora manifestado a nós.
Reconhecemos-te presente na Igreja
e no Sacramento da Eucaristia
que nos deixaste como dom.

Quando celebramos a Santa Ceia
e comungamos o pão da vida e o cálice da salvação,
reaviva-se a consciência da tua presença
que nos impele a continuar
a tua missão salvífica no mundo.
Concede a todos nós, pessoas e comunidades,
que estendamos a mão aos homens e às mulheres da Ásia
e do resto do mundo
e nos comprometamos a compreender as suas culturas
e as suas expressões de fé.

A tua presença divina
nos sustenha no caminho humilde
com os pobres e os jovens
em comunhão com Maria
que nos deixaste por Mãe.

Ela, Estrela da Nova Evangelização,
presente junto à Cruz,
que partilhou o teu sofrimento e a tua glória,
conduza também a nós à comunhão contigo.

A ti Senhor Jesus Cristo, Pão de vida,
toda a honra, glória e louvor
na unidade do Pai e do Espírito Santo
um só Deus pelos séculos dos séculos.

Ámen.